

SANTA CASA
DA MISERICÓRDIA DE BARCELOS

MEMÓRIA

Da I Semana das Ofertas ao Hospital

realizada em 7 de Outubro

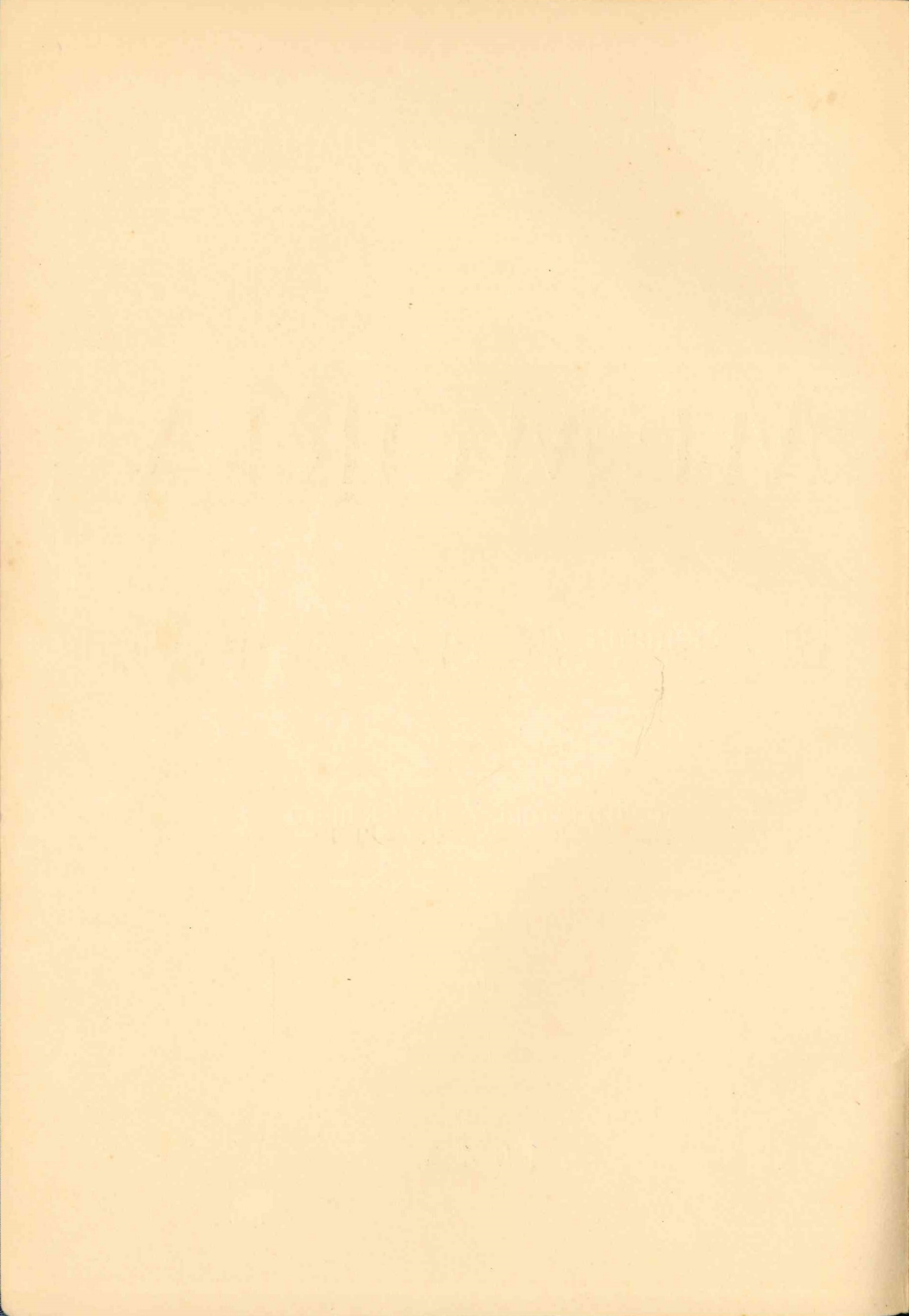
de

1 9 4 3



1.235(469.12)

AN



SANTA CASA
DA MISERICÓRDIA DE BARCELOS

MEMÓRIA

Da I Semana das Ofeitas ao Hospital.

realizada em 7 de Outubro

de

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS

N.º 65237



Comendador Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca

É Barcelense pelo nascimento (14-12-1864) e pelo coração; e é figura de alto prestígio no Brasil, onde vive desde tenra idade.

Conta amigos e admiradores e é dotado de especiais virtudes, destacando-se de tôdas, para o nosso caso, a Virtude de, em própria vida, amparar e fortalecer a missão cometida a instituições de Assistência de objectivo caritativo e utilidade social.

Há poucos anos (Junho de 1938) fêz doação dos largos terrenos que possuía em Copacabana (Rio de Janeiro), em favor de cinco instituições de beneficência brasileiras, tôdas representando grande alcance beneficente e social: «Associação Asilo S. Luiz para a Velhice e Desamparo», «Casa dos Expostos» (a cargo da Santa Casa da Misericórdia), «Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência», «Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Socorros D. Pedro V», e «Hospital de Nossa Senhora das Dores» (da Santa Casa da Misericórdia), que recebem, cada uma, uma sexta-parte do valor da venda desses terrenos; - e fêz mais doação da outra sexta-parte desse valor, divisível, em partes iguais, pela Santa Casa da Misericórdia e Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, de Barcelos (sua terra natal), para que apliquem o juro do respectivo capital convertível em Apólices, aos fins de beneficência a seu cargo. Calcula-se que esses terrenos, vendidos aos lotes, produzirão cêrca de 24.000 contos!

Êste Homem já havia dado a Barcelos o que foi necessário para se construir a nova cadeia comarcã e para a adaptação a Museu Municipal, da velha tôrre da Porta Nova que esteve servindo de cadeia; e tem dado, para distribuir pelos pobres de Barcelos e do concelho, apreciáveis quantias de dinheiro. Outras instituições de Portugal e do Brasil têm beneficiado da sua Benemerência.

Fica bem aqui nesta Memória, escrita como tributo de homenagem e de agradecimento aos povos do concelho de Barcelos, o Retrato do Benemérito **Comendador Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca**, como testemunho de alta consideração e afirmação do muito que lhe querem os Barcelenses - seus patrícios.

Saúdamos o grande Benemérito de Barcelos.

ADMINISTRAÇÃO DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

Exercício de 1 de Julho de 1941
a 31 de Dezembro de 1944

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL:

Presidente — *Dr. José Gomes de Matos Graça*
Secretário — *Dr. Manuel Baptista de Lima Tôrres*
Vice-Secretário — *Humberto Carmona Coelho Gonçalves*

DEFINITÓRIO:

P.^e António Vila-Chã Esteves
Joaquim Correia de Azevedo
Manuel Augusto de Araújo Passos

MESA ADMINISTRATIVA:

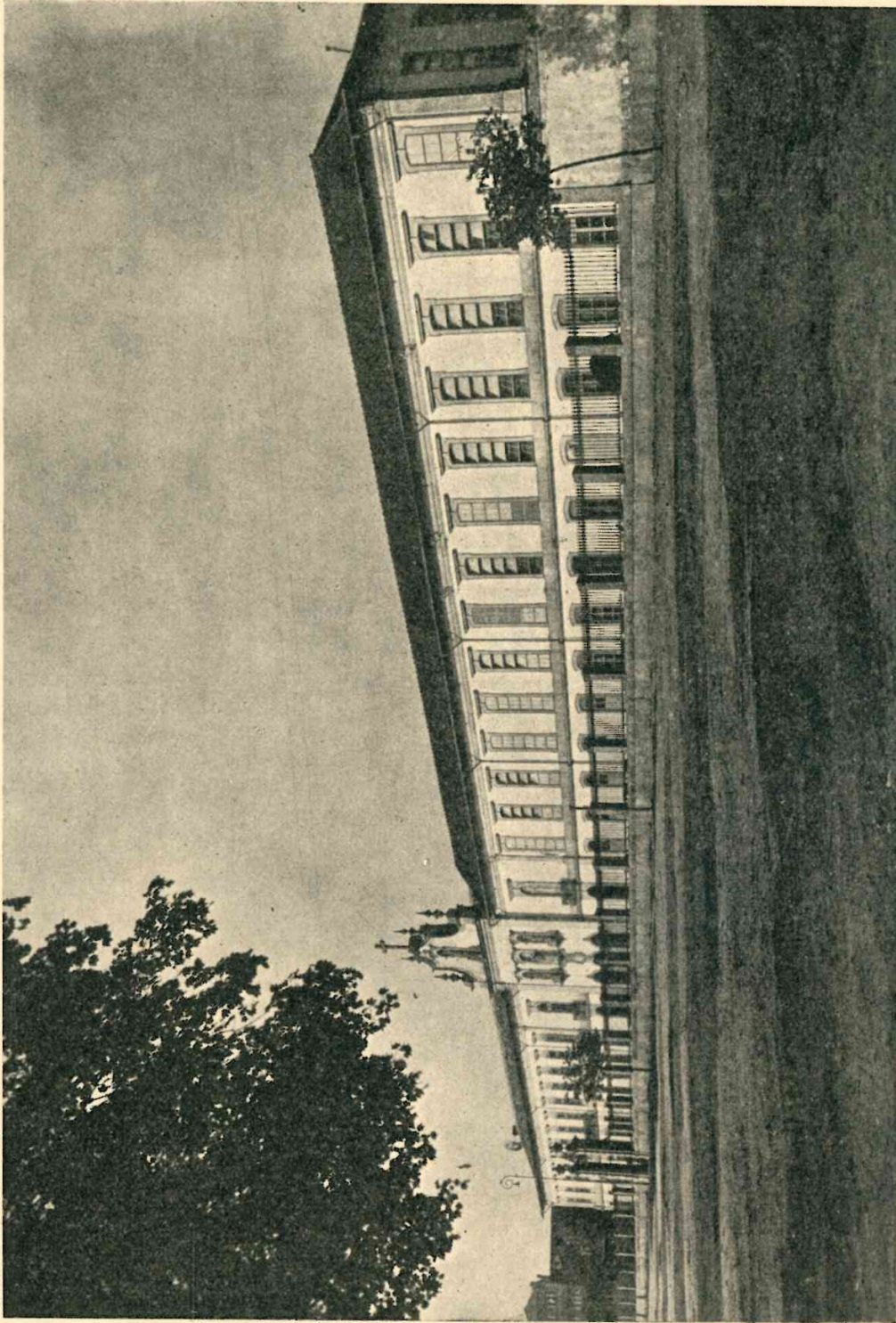
Provedor — *Miguel Gomes de Miranda*
Vice-Provedor — *João de Sousa*
Secretário — *José Gomes de Sousa*
Vice-Secretário — *Dr. José da Graça Faria Júnior*

MESÁRIOS:

António Rodrigues Gomes da Costa
Francisco Xavier Marinho Aguiar
P.^e Domingos Rodrigues Neiva Duarte Pinheiro
Joaquim José de Araújo
Manuel Pereira da Quinta

SUBSTITUTOS:

P.^e António Miranda da Silva
Armindo da Cunha Martins
P.^e José Pedro da Silva Rodrigues
Manuel Pereira de Vilas-Boas
Rogério Calás Cândido de Carvalho



Fot. Robim

Hospital de Barcelos — Fachada principal do edifício e do Asilo de Inválidos

INTRODUÇÃO

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos resolveu que se escrevesse esta Memória, oferecida às entidades e pessoas que contribuíram para a grande festa de Caridade, que foi a I SEMANA DAS OFERTAS AO HOSPITAL, que se realizou em 7 de Outubro de 1943.

Escreveu-se, detalhando-a o melhor que foi possível.

Entendeu-se ilustrá-la com o documento, para muita gente inédito, que se refere à instituição da Misericórdia de Barcelos e à sua actividade até época já para nós remota, — ou seja o elucidativo discurso que o antigo e saudável Provedor Dr. António Miguel da Costa de Almeida Ferraz pronunciou em 6 de Novembro de 1909.

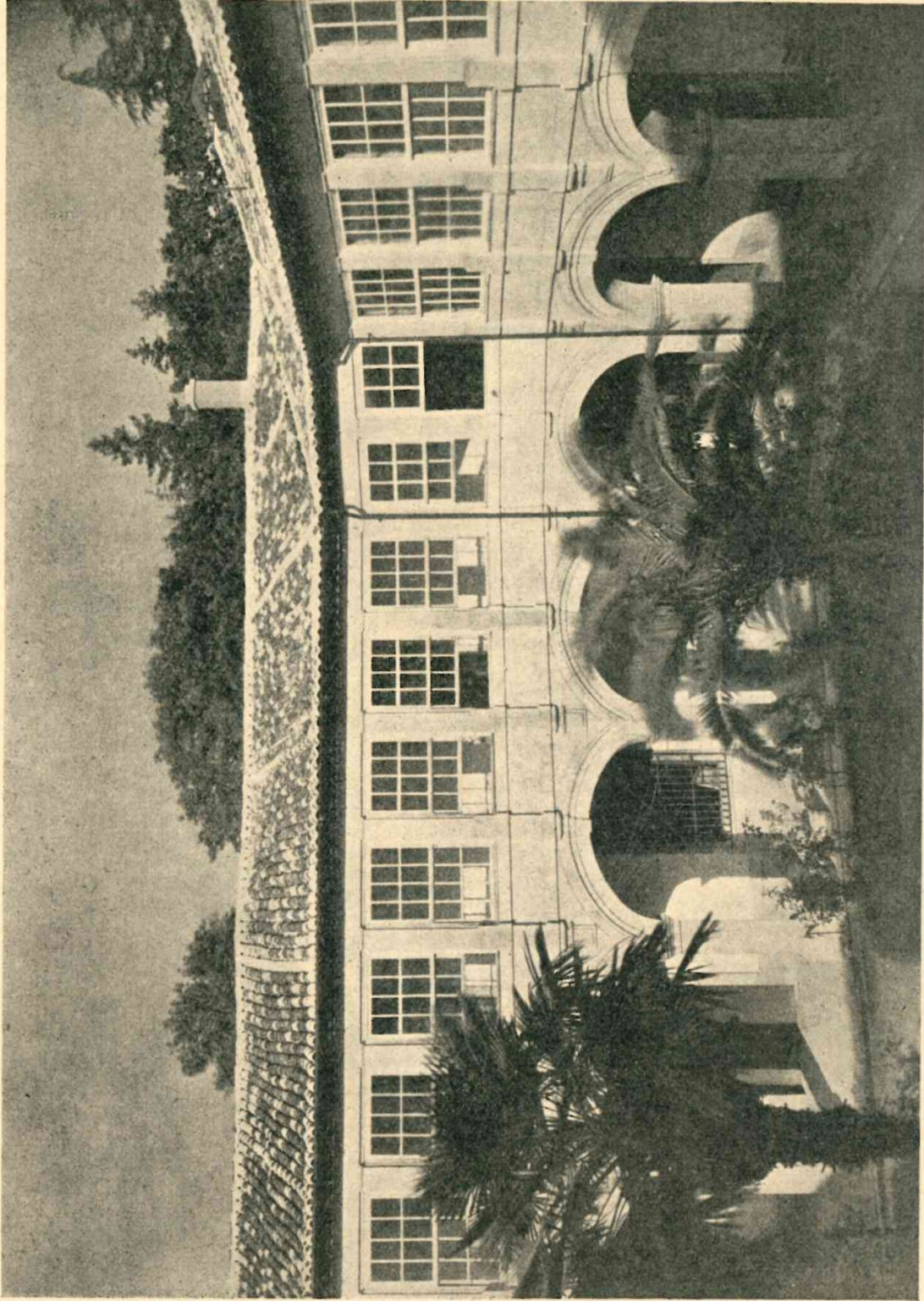
Dá-se depois notícia das razões que levaram a Mesa Administrativa a promover a I SEMANA DAS OFERTAS e dos trabalhos que se realizaram; do que foi essa Grande Parada da Caridade Concelhia, de tão belas recordações e dos agradecimentos proferidos; de homenagens prestadas e dos resultados finais ou benefícios obtidos com essa iniciativa da Mesa; e, por fim, ilustra-se o trabalho com os mapas que mostram os resultados obtidos, devidamente documentados.

Anotam-se os serviços prestados pelo Hospital nos últimos seis anos a benefício do concelho, em que se mostra actividade zelosa exercida pelos serviços hospitalares.

Para elucidação de quem desconheça, dão-se em mapas extraídos dos livros das contas, os movimentos das receitas e despesas, também referentemente aos últimos seis anos, época que marca a maior actividade assistencial da nossa Misericórdia.

Os que lêrem avaliarão dos esforços dispendidos e dos benefícios espalhados — e considerarão se vale ou não a pena dar à Santa Casa para que a sua obra de Caridade progrida e se amplie, a bem dos pobres enfermos.

Barcelos, Agôsto de 1944.



Fot. Robim

Hospital de Barcelos — Claustro — ou pátio interior

Instituição da Confraria e do Hospital da Misericórdia de Barcelos

Excerto do discurso que o Provedor Dr. ANTÓNIO MIGUEL DA COSTA DE ALMEIDA FERRAZ proferiu em sessão de 6 de Novembro do ano de 1909, que consta do Livro das Actas da Santa Casa, a fls. 306 e seguintes:

«**I**NSTITUÍDA a Confraria da Misericórdia de Lisboa, em 15 de Agosto de 1498, pensou El-Rei D. Manuel em dissiminá-la por todo o reino.

Barcelos, que já então era uma das mais notáveis e florescentes vilas Portuguesas, pelos importantes melhoramentos com que a dotou D. Afonso, seu oitavo Conde, não podia deixar de secundar os bons desejos do soberano, fundando dentro dos seus muros a piedosa confraria.

Vou contar, em breves palavras, a história desta fundação:

Desde séculos remotíssimos que Barcelos possuía dois hospitais: a *Gafaria ou Hospital de Lázaros*, destinado exclusivamente para isolamento de leprosos, no lugar da Ordem, e o *Hospital de São João de Deus*, na rua de Santa Maria, onde se recolhiam e tratavam os demais doentes pobres da vila e concelho. Da sua fundação e dos seus beneméritos instituidores, nada se sabe ao certo, tão remota e obscura é a sua origem, constando apenas que já existiam no século XIII, porque em documentos dessa época algumas referências se lhes fazem, designadamente à *Gafaria*, embora muito vagas, e por isso mesmo incertas. É, porém, no século XIV, que a certeza da sua existência se nos revela a tóda a luz, num documento que, por um acaso feliz, encontrei e li no arquivo da nossa extinta Colegiada.

Refiro-me a um testamento original, feito aos 7 dias de Março de 1356, em que um tal Vicente Miguéis, natural e residente em Barcelos, contempla com alguns legados a *Gafaria* desta vila, as emparedadas de Barcelinhos e o hospital da rua de Santa Maria.

Um século depois, em Janeiro ou Fevereiro de 1498, ordenou El-Rei D. Manuel, em carta dirigida a Diogo Borges, Juíz e Contador dos Resíduos, Capelas, Hospitais, Gafarias e Confrarias de Entre-Douro-e-Minho, que procedesse imediatamente à organização dos Tombos dos dois hospitais de Barcelos, descrevendo não só tôdas as suas propriedades, sua medição e confrontações, mas também que declarasse os encargos a que eram obrigados e quem foram os seus fundadores. São dois curiosíssimos documentos êstes, de grande valor tanto para a história de Barcelos como dos seus hospitais, que felizmente ainda hoje existem no arquivo desta Casa, e onde deverão ser religiosamente conservados. Foi por êles que pude averiguar que no século xv eram os Juízes e regedores de Barcelos que administravam aquêles hospitais, e que a *Gafaria* se achava então quasi abandonada, certamente por que eram poucos ou já não havia leprosos no concelho.

Deles consta igualmente que, tendo o referido Juíz e Contador chamado à sua presença os homens mais velhos da vila, para dizerem o que sabiam relativamente à época da fundação dêstes hospitais, quem foram os seus instituidores e os encargos que a cada um pertenciam, declararam, sob juramento, que nada sabiam a tal respeito, constando-lhes sòmente que era com os seus rendimentos e esmolas que tratavam os doentes nêles recolhidos, *dando-se a cada um* (diz textualmente o documento) *a ração que aos homens bons de Barcelos parecia por bem e de caridade*. Ordenando ainda o mesmo Diogo Borges a Pero Vaz, homem bom e vereador, e a Pedro da Costa, escrivão da Câmara, que fòssem ao arquivo municipal ou *Arca do Concelho*, como então lhe chamavam, e procurassem os estatutos que regiam êstes hospitais, bem como todos os demais documentos que se referissem à sua fundação, vieram depois dizer que nada haviam achado, e que provavelmente êsses documentos, com outros muitos pertencentes ao concelho, foram destruídos por um incêndio que lhes constava ter havido muitos anos antes nos Paços do Concelho.

Dão-nos os mesmos Tombos ainda a descrição minuciosa dos edificios dos dois hospitais barcelenses no século xv. Assim, com relação ao *Hospital de S. João de Deus*, diz que êle ocupava quasi todo o lado oriental da rua de Santa Maria, confrontando pelo Norte com casas de um tal Martinho Pires, residente em Braga, pelo Sul

com os Paços do Concelho e pelo Nascente com o Bairro dos Judeus. Que a parte ocupada pelos doentes constava de quatro grandes salas ou enfermarias, duas ao norte e duas ao sul, e na parte posterior do edifício ficava o oratório ou capela do Hospital da invocação do Espírito Santo, seguindo-se-lhe o quintal ou cêrca que media doze varas de comprimento por seis de largo. E, finalmente, quanto aos bens que constituíam o capital do Hospital, diz-nos ainda o mesmo Tombo que, além de algumas propriedades em freguesias do concelho, como S. Paio de Carvalho, Faria e Barcelinhos, possuía também umas vinte moradas de casas, situadas intra e extra-muros da vila.

E nada mais pude averiguar do primitivo hospital barcelense, com relação à época a que acima me referi.

Qual seria, porém, o pensamento de D. Manuel ao ordenar que se fizessem em 1498 os referidos Tombos?

A resposta, quanto a mim, é fácil.

Todos sabem que D. João II, no propósito de reorganizar os estabelecimentos hospitalares do país, resolveu fazer a fusão dos velhos e pequenos hospitais, de diversas denominações e intuitos, que havia em cada terra, nos grandiosos institutos dos hospitais reais, centralizando assim as suas administrações, de maneira a obter, pela associação dos muitos e variados réditos daqueles estabelecimentos, mais coesão e eficácia da caridade pública.

Assim é que vemos êste monarca encorporar vários hospitais de Lisboa no de Todos-os-Santos; e em 1485, obtida a necessária licença do Papa Inocêncio VIII, fundir num só os 15 hospitais que havia em Santarém. A morte, porém, impediu D. João II de continuar e completar a obra começada, passando êsse encargo ao seu sucessor D. Manuel, que, em 1501, obteve de Alexandre VI um Breve para centralizar no hospital de Todos-os-Santos, de Lisboa, a administração de todos os hospitais que havia no reino, intento êste que não pôde realizar, certamente pela grande oposição que naturalmente devia ter encontrado, limitando-se, por isso, a reunir num só em cada terra os que nela houvesse. Assim se explica o facto de El-Rei D. Manuel ter mandado fazer Tombos do Hospital e Gafaria de Barcelos.

Poucos anos depois da criação da Misericórdia de Lisboa e quando já eram por todos reconhecidos os grandes e incontestáveis benefícios que ela vinha prestando a todos os desválidos, trataram os barcelenses de dar princípio à fundação da sua Misericórdia e com tanto zêlo e desvelo meteram ombros à emprêsa que, poucos anos decorridos, já Barcelos possuía a piedosa Confraria.

Teve lugar esta instituição no mês de Abril ou Maio de 1518, isto é, 20 anos depois da de Lisboa. Foi, portanto, uma das primeiras Misericórdias que em Portugal se fundaram.

Em seguida à solenidade da inauguração trataram os barcelenses de eleger a sua primeira Mesa Administrativa, sendo escolhido para Provedor o Dr. Pedro Nogueira, capitão do Terço de serviço de D. Fernando I, nono Conde de Barcelos, e nesse mesmo ano foi a Mesa encarregada por El-Rei da administração do Hospital da rua de Santa Maria. Eram então exíguos os rendimentos desta Casa, vivendo principalmente das esmolas que lhe dava a Caridade pública.

Por êste motivo, os Juizes, Vereadores, Procurador e homens bons de Barcelos representaram a El-Rei solicitando a graça de anexar à nossa Confraria todos os bens da Gafaria, visto então já não ter doentes e os seus rendimentos andarem desviados dos fins para que haviam sido destinados. Deferiu-lhes D. Manuel a petição e por Provisão sua, feita em Évora aos dois dias do mês de Maio de 1520, suprimiu a Gafaria e mandou que os seus bens fôsem entregues à irmandade da Misericórdia.

Pela concessão desta graça passou o hospital a ser designado de *Hospital de D. Manuel*, e o retrato do soberano colocado na galeria dos Bemfeitores, como ainda hoje aí se vê.

Aumentados notavelmente os seus rendimentos, pôde então o Hospital dilatar a sua esfera de acção, não só recebendo o maior número de doentes e dispensando-lhe melhor tratamento, mas também distribuindo mais largamente os benefícios da Caridade, e tomando a seu cargo a maior parte dos encargos gerais de beneficência pública da localidade.

Para garantir e fixar a sua existência, muito concorreram também os inúmeros e variados privilégios com que a régia munificência e a piedade dos Condes de Barcelos investiram a nossa Misericórdia quasi desde a sua fundação. Assim, em 1561, foram isentos os seus administradores do pagamento da contribuição dos *dez reis de Ceuta*, e por Alvará do Duque D. Teodósio II, de 1591, foi-lhe igualmente concedida a isenção de todos os cargos do concelho.

D. Filipe I, por Alvará do mesmo ano de 1591, concedeu à Misericórdia de Barcelos todos os privilégios e regalias de que gozava a de Lisboa, graça esta importantíssima, e o seu sucessor Filipe II, em 1604, ordenou que os Provedores da comarca nenhuma ingerência tivessem nas contas da Misericórdia.



Fot. Robim

Hospital de Barcelos — Interior da Igreja

El-Rei D. João IV concedeu-lhe também a singular prerrogativa de tôdas as suas dívidas serem cobradas executivamente como se fazia para as dívidas à Fazenda Real, e D. João V, em 1729, não só dispoz que o Ouvidor de Barcelos fôsse o Juiz em todos os pleitos da Misericórdia, mas que tivesse um escrivão privativo, escolhido entre os dez da comarca; e por Provisão de 10 de Março de 1736, mandou que a Câmara fornecesse tôdas as semanas e gratuitamente, certa quantidade de carne de vaca para alimentação dos seus doentes. Finalmente foi-lhe concedido também o privilégio de ter *Pedidores* ou *Mamposteiros* em tôdas as freguesias do concelho, e que o seu escrivão ou secretário tivesse fé pública em tôdas as causas concernentes à Misericórdia.

Foram, como se vê do exposto, muitos e importantes os privilégios que os Reis concederam à Misericórdia de Barcelos, o que concorreu poderosamente para o engrandecimento e prosperidade desta benemérita Confraria.

No século xvi, por que a capela do Hospital fôsse já pequena para as cerimónias do culto, resolveram os irmãos da Misericórdia edificar uma ampla igreja na parte sul do edificio e com a fachada voltada para o lado da praça. Êste templo, para cujas obras concorreram com avultadas esmolas os Duques de Bragança, teve a sua solene inauguração no dia 25 de Janeiro de 1593. E no século xviii foi reedificado quási todo o hospital, concedendo-lhe os Reis D. João V (1715) e D. José I (1755) e para êste fim, a têrça parte da contribuição chamada do *ceitil*, durante alguns anos.

Realizados êstes importantes melhoramentos, conservou-se o Hospital de D. Manuel durante muitos anos na velha rua de Santa Maria, até que em 1835, tendo sido extintas as ordens religiosas em Portugal, e havendo o govêrno cedido alguns conventos para casas de beneficência, a Câmara Municipal, a pedido da Misericórdia, solicitou o convento da Franqueira para Asilo de Mendicidade e o de S. Francisco para nêle ser instalado o seu hospital, visto o edificio em que estava ser pequeno para grande número de doentes que o procuravam e achar-se situado num dos peores bairros da vila.

Anuindo o govêrno de Sua Magestade ao pedido dos barcelenses, foi-lhes concedido o convento de S. Francisco por Portaria de 16 de Setembro de 1836, para o que muito contribuíram os bons officios do Marechal Visconde de Leiria, illustre filho de Barcelos, pelo que o seu retrato e o da Rainha D. Maria II foram colocados na galeria dos Bemfeitores da Misericórdia.

Em sessão de 16 de Outubro do mesmo ano, o Provedor Francisco Machado Pereira de Carvalho deu conhecimento desta concessão à Mesa, que a aceitou e imediatamente passou procuração ao Mesa-rio-Tesoureiro Agostinho José Pereira, para que êste, como Administrador do Concelho, tomasse posse do convento. Em sessão de 31 do mesmo mês e ano, deliberou mais a Mesa que se procedesse, sem demora, às indispensáveis obras no mesmo edifício e que, effectuadas que fôsem, se inaugurasse o novo hospital.

Efectivamente, pouco tempo depois, fez-se com tôda a solenidade a trasladação dos doentes e mais tarde a das ossadas dos irmãos inhumados nos claustros e na igreja do Hospital de Santa Maria.

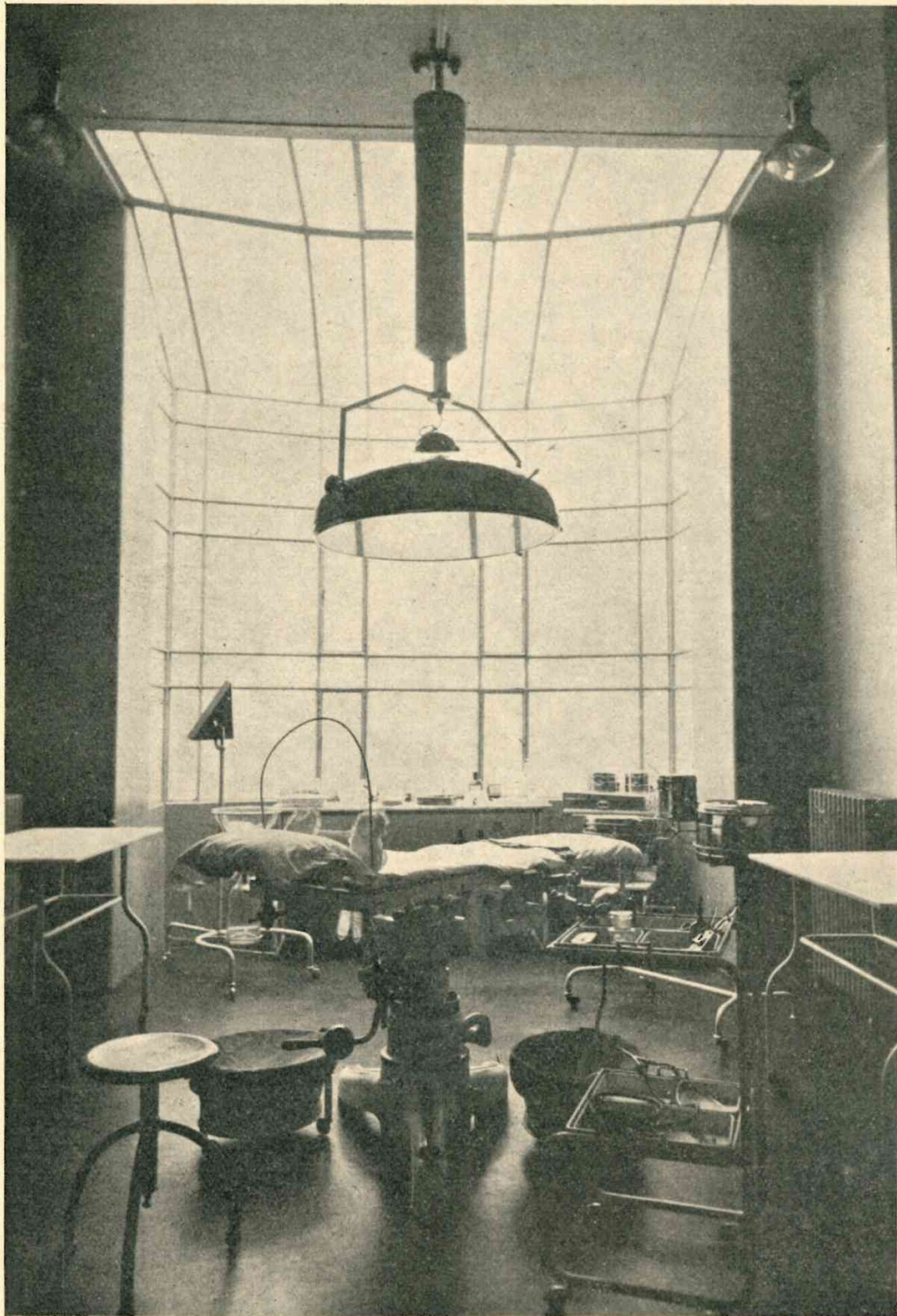
Com a mudança do Hospital para o Campo da Feira, que é incontestavelmente o melhor bairro de Barcelos, porque, como já tive ocasião de dizer, a sua primitiva casa sôbre ser pequena para abrigar todos os doentes da vila e concelho tinha ainda o grave inconveniente de estar situada em péssimas condições de salubridade. Graças a esta concessão e ainda à muita solicitude e esforços de tôdas as suas administrações, conseguiu a Misericórdia de Barcelos possuir hoje um hospital que se não é o melhor, pouco ou nada tem que invejar aos demais hospitais de província.

Está, porém; completa a grande obra de caridade dos barcelenses?

Não está. E para a completarem, muito lhes resta fazer ainda.

Não obstante os seus capitais terem aumentado consideravelmente nos últimos séculos, a ponto de actualmente poder dispor de rendimentos não inferiores a *treze contos* de réis, é certo que a Misericórdia de Barcelos é pobre, e é pobre por que os seus haveres não têm crescido, infelizmente, na proporção das suas necessidades.

Se por um lado a corrente da caridade pública se vai desviando desta Casa para atender às necessidades de outras instituições beneficentes modernamente criadas, tôdas utilíssimas e prestimosas (quem o duvida?) mas nenhuma comparável nos seus fins aos benefícios da Misericórdia, por outro vemos a miséria lavrar cada vez mais intensa e mais extensa neste grande concelho, onde uma população de 50.000 habitantes vive quasi exclusivamente dos parcos e minguidos proventos do trabalho agrícola, que é, como se sabe, de todos o menos remunerador. Daqui o desequilíbrio que se vai notando entre as receitas e as despesas da Misericórdia, desequilíbrio que perfeitamente me justifica de lhe haver chamado pobre.



Fot. Robim

Hospital de Barcelos – Sala de operações

E este mal é ainda agravado pela *falsa lenda de riqueza*, que a envolve e corre insistentemente entre o nosso povo, em manifesta opposição com a permanente existência de impreteríveis necessidades, sempre crescentes e nem sempre satisfeitas à míngua de recursos... Mas aonde esta falta de meios mais salientemente se mostra, é nas condições materiais do próprio edificio.

Ninguém ignora que esta Casa foi primitivamente um convento de frades, por sinal bem modesto, porque pertencia a uma ordem pobre, e não foi construído de maneira a poder satisfazer ao destino que mais tarde se lhe deu.

As obras de adaptação a que se procedeu em 1836 foram, por assim dizer, provisórias, de pequeno vulto e não abrangeram senão uma pequena parte do edificio, e as que se lhe seguiram desde então até hoje, porque não obedeceram como deviam, a um plano previamente estudado e reflectido, ou foram completamente perdidas, ou não trouxeram ao Hospital as vantagens que era justo esperar.

Daqui achar-se ainda hoje pèssimamente instalado o nosso Hospital, não obstante a sua esplêndida situação, e isto devido não só à falta de indispensáveis comodidades, mas também e principalmente às más condições higiênicas das suas enfermarias. Duas há, principalmente, que reclamam inadiáveis e prontas obras de reparação. São as que ficam na fachada principal, precisamente na parte que ainda resta do velho convento franciscano, e cujo estado é de tal modo precário, que não sei como obriga doentes a habitá-las. Foi por isto que a actual Mesa, logo desde o início da sua gerência pensou em reedificar essa parte do hospital, dando-me a honra de me encarregar de estudar e apresentar um projecto de obras.

No desempenho desta difícil e delicada missão, comecei por estudar o orçamento da Misericórdia e vêr se das suas receitas seria possível retirar, sem grande sacrifício dos serviços hospitalares, a verba necessária para ocorrer a essas despesas. Infelizmente foi cruel o meu desengano. Cerceadas no máximo algumas verbas de despesa, pois que nem tôdas permitiam qualquer redução, vi com pesar que me não era possível obter quantia superior a quatrocentos mil reis, o que era pouco, para o meu intento, tanto mais que se tratava de obras urgentes, que não permitiam delongas.

Lembrei-me então de que, aproveitando êsses quatrocentos mil reis para pagamento de juros e amortização, não seria impossível retirar do próprio capital da Irmandade, a título de empréstimo, amor-

tizável em vinte anos, a quantia de quatro contos e quinhentos mil reis; e nestas condições já o projecto se me afigurava um pouco mais viável, conquanto reconhecesse que essa quantia era ainda insuficiente para a realização do meu plano. Foi nesta altura que me dirigi ao meu amigo Senhor Dr. José Júlio Vieira Ramos, a quem expuz o meu pensamento com relação aos projectados melhoramentos e falta de capital com que lutava e os justificados receios de, ou não poder concluir as obras por falta de meios, o que seria de mau efeito e até prejudicial para o bem estar dos doentes, ou, o que era ainda peor, vêr-me forçado a gastar dos capitais da Misericórdia uma quantia que, por elevada, fôsse prejudicar, limitando-os, os socorros e benefícios que habitualmente dispensa aos seus pobres. Respondeu-me S. Ex.^a que não havia motivo para desânimos, pois que sendo possível contrair, como dizia, um empréstimo de 4.500.000 reis sem prejuízo apreciável dos serviços do Hospital, era convicção sua que, com o concurso de alguns donativos, se obteria o mais que fôsse necessário para a conclusão das obras. E que neste intuito ia dirigir-se a um seu amigo muito particular, e estava certo que o pedido seria bem recebido. E foi-o na verdade, por que, decorridos poucos meses, recebi eu a gratíssima notícia de que o nosso benemérito confrade e colega da Mesa, o Senhor António Lopes Leal, havia conseguido de dois amigos seus e nossos ilustres conterrâneos, os Srs. Visconde de Soutêlo e José Gonçalves Dias Neiva, um conto de reis de cada um, com destino às obras, e que o mesmo Sr. Lopes Leal oferecia por seu turno, igual quantia, ainda com a mesma aplicação.

Mas não fica por aqui a benemerência do Sr. Leal. Em carta com que me honrou em 23 de Agôsto próximo passado, dizia-me S. Ex.^a que havia recebido comunicação do seu irmão o Sr. Manuel Lopes Leal, residente no Brasil, de que brevemente se lembraria, com uma esmola, da Misericórdia de Barcelos, e que tanto o Sr. Visconde de Soutêlo como o Sr. Dias Neiva lhe haviam prometido que, começadas as obras, mandariam novos donativos. E terminava S. Ex.^a a sua carta com estas nobres palavras que eu peço licença para repetir aqui: « *Sou doente e preciso de descanso; mas quando se trata de exercer a caridade, quando é preciso socorrer a miséria, sinto-me bem empregando o melhor da minha boa vontade* ».

E aqui está como um projecto de obras que a princípio se me afigurava inexequível por absoluta falta de recursos pecuniários, de repente e como que por milagre, graças à generosidade de alguns barcelenses beneméritos, será dentro em breve uma realidade. Os traba-

lhos vão um pouco adiantados e conto que as obras comecem em o próximo ano de 1910».

(O Senhor Dr. António Ferraz continuou no uso da palavra, agora em homenagem aos Bemfeitores António Lopes Leal, José Gonçalves Dias Neiva e Visconde de Soutelo, cujos retratos, então inaugurados, foram descerrados pelos Senhores Conde de Vilas Boas, Visconde da Fervença e Dr. José Júlio Vieira Ramos, tendo usado da palavra, também em homenagem aos três Beneméritos, os Snrs. Padre Agostinho da Cunha Soto Mayor, Dr. Joaquim Gonçalves Pais de Vilas Boas, Dr. José Júlio Vieira Ramos, Abade Alexandrino José Leituga, e António Lopes Leal, que agradeceu, por si e pelos seus amigos, as homenagens da Mesa, sendo esta constituída pelos seguintes Senhores: Provedor, Dr. António Miguel da Costa de Almeida Ferraz; Vice-Provedor, Dr. Joaquim Gonçalves Pais de Vilas Boas; Secretário, João Carlos Vieira Ramos; Vice-Secretário, Augusto Teixeira de Melo; Tesoureiro, Manuel Joaquim Coelho Gonçalves; e Mordomos: Abade Alexandrino José Leituga, António Lopes Leal, Aurélio Ramos, Domingos José de Miranda, João de Sousa, Joaquim Gonçalves da Silva Matos, José Pinto de Lima, Manuel Augusto de Passos, Manuel Pereira da Quinta e Manuel da Silva).

Razões da Semana das Ofertas ao Hospital: Trabalhos Realizados

TINHA o Hospital da Misericórdia atingido grau de desenvolvimento tal, que se tornou notável e apreciável, principalmente na assistência cirúrgica aos doentes.

Apenas a exiguidade dos rendimentos próprios e a progressiva subida do custo dos medicamentos, dos artigos terapêuticos e dos géneros alimentícios, dificultavam que a assistência a doentes pobres acompanhasse êsse grau de desenvolvimento. E tais factos haviam aconselhado limitações no número de hospitalizações gratuitas e no quantitativo do fornecimento de medicamentos, também gratuito, aos doentes externos.

A necessidade de reduzir despesas até ao limite das receitas próprias e dos subsídios *prováveis*, e a de procurar fontes de rendimento, aconselharam a criação de enfermarias e de quartos para doentes não pobres, adaptando-se serviços hospitalares a uma secção de casa de saúde, utilizável com vantagens que ressaltam à consideração de todos, pelos doentes de tôdas as categorias sociais — não pobres.

Esta experiência provou acêrto e demonstra já a sua utilidade a benefício público, por quanto dos nossos serviços cirúrgicos e hospitalares se têm utilizado grande número de doentes que pagam, segundo a categoria dos aposentos que ocupam, revertendo o lucro que dão à Santa Casa, a benefício dos pobres.

A iniciativa trouxe dois benefícios: o benefício de poderem ser tratados no Hospital todos os casos de doença, principalmente os casos em que se torna necessária a intervenção cirúrgica, sem necessidade de haver de recorrer-se a outras terras e outros hospitais, e — o benefício de, a-par da montagem de serviços para hospitalizações pagas, êstes se estenderem aos pobres que nada pagam.

Havia que tornar mais extensiva a assistência às classes pobres, e, para isso, necessidade de dotar o Hospital com maior capacidade para internamentos, alargando o número das enfermarias, criando outras e dotando tôdas com o número indispensável de camas, de roupas e do mais que exige a comodidade dos doentes.

Há necessidade de restaurar as enfermarias para crianças, para doentes tuberculizados, para doentes de moléstias infecto-contagiosas, bem isoladas umas das outras, e adaptar à enfermaria designada Maternidade uma *cabine* de trabalho competentemente apetrechada. E, como cúpula assistencial, a criação de um Lactário, através do qual sejam exercidas as funções puericulturais, tendentes a acompanhar a gravidez, nascimento e crescimento das crianças e vigilância da sua alimentação, com fornecimento desta às mais pobres.

Numa palavra: as exigências de uma população concelhia que excede já 57.000 habitantes, impõem que o Hospital esteja apto a atender todos os casos e a preencher lacunas que se observam — a bem da saúde pública.

Considerados êstes factos, a Mesa da Santa Casa da Misericórdia entendeu que devia interessar os povos da cidade e do concelho no desenvolvimento dos serviços do seu Hospital, concorrendo para a sua sustentação e progredimento e permitindo, com o auxílio de todos, que êsses serviços hospitalares pudessem ser alargados, ampliados e tornados mais eficientes. E foi daí que nasceu, no espírito de todos os Mesários, a idéia da realização da

Primeira semana das ofertas ao Hospital

experiência já praticada em algumas (poucas) terras do País, com resultados apreciáveis.

Além do objectivo material, de reunir fundos, teve-se o objectivo moral, de chamar a atenção pública para os relevantes serviços que o Hospital estava já prestando à população do concelho.

Tomada a deliberação de promover a Semana das Ofertas ao Hospital, imediatamente se começou a propaganda dela, por todos os meios de que se podia dispor.

Com data de 27 de Janeiro foram enviadas circulares aos Srs. Pá-
rocos, Presidentes de Junta e Regedores das freguesias do Concelho,
constituindo-os em Comissões Cooperadoras, e pedindo-lhes o seu va-
lioso e indispensável concurso, a bem dos resultados a obter.

Em reunião do Conselho Municipal, efectuada em Fevereiro,
o Vice-Provedor da Santa Casa, como representante desta instituição
no referido Conselho, comunicou:

.....
«que a Santa Casa da Misericórdia, sem dúvida a nossa
primeira casa de Assistência, promovia uma Semana do
Hospital, pretendendo reunir donativos capazes de permitir
uma maior e mais larga assistência aos indigentes doen-
tes, dentro das modalidades que lhe cabem neste capít-
ulo» —acrescentando—que: «Pode dizer-se afoitamente
que o Hospital da Misericórdia de Barcelos ocupa, desde
há anos, posto de honra entre os seus congéneres da
Província, encontrando-se modelarmente instalados e or-
ganizados a maioria dos seus serviços internos, com um
corpo clínico cuja dedicação é bem notória e cuja com-
petência não é de mais acentuar.

«Quero salientar um facto que bem merece a aten-
ção da Câmara e a do Conselho Municipal e que precisa
de ser bem do conhecimento dos munícipes:

«Sabe-se que devido ao zêlo e competência cirúr-
gica do finado barcelense e distinto médico que foi o
saúdoso Dr. Miguel Fonseca, desde há anos se pratica-
vam, no nosso Hospital, intervenções cirúrgicas de certa
responsabilidade técnica e de certa perícia. Apesar de
quási não haver arsenal cirúrgico nem condições de ca-
racter profilático, capazes de garantir ou assegurar traba-
lho como o exige a ciência de operar com segurança e
liberdade de movimentos, é facto que o Dr. Miguel Fon-
seca operou muitos doentes, salvando-lhes a vida em pe-
rigo eminente, a dentro das portas do nosso Hospital da
Misericórdia.

«Tornou-se êsse saúdoso médico credor de um
testemunho de gratidão que perpetue a sua memória,
não sómente pelo que fêz a dentro do nosso Hospital,
como pelo que fêz a bem de Barcelos, servindo com sa-

crifício da sua saúde e da sua bôlsa, cargos de trabalho, de preocupação mental e de outras canseiras. Eu creio que êle morreu mais cedo por que se descuidou demasiadamente de si mesmo a benefício de outros.

«O Hospital da Misericórdia a seu tempo lhe perpetuará o nome a dentro das suas portas, mas Barcelos terá que fazê-lo igualmente, porque lhe deve muito. E é à Câmara que compete não deixar esquecido o nome e a memória de quem muito fêz pela nossa terra.

«Outro facto verificado quási diáriamente na vida mais recente do nosso Hospital, é o que se refere aos serviços do distinto cirurgião Dr. Gomes de Almeida, pessoa que eu muito mal conheço a-pesar-de estar a desempenhar as funções de Provedor da Santa Casa. Mas sei que S. Ex.^a vem a Barcelos, ao nosso Hospital, sempre que é chamado e tão desinteressadamente o faz que, a maior parte das vezes que vem, nem lhe é paga a gazolina que consome o carro que o conduz de Espinho a Barcelos. Vem prestar os seus serviços cirúrgicos, operando indistintamente, com igual cuidado e zêlo, todos os doentes, desconhecendo a maior parte das vezes aquêles que pagaram ou que alguma coisa deram de remuneração, acontecendo, porém, que têm sido em maior número os que nada pagaram, por serem pobres ou indigentes. O Hospital deve-lhe já muito do que hoje é como Hospital, e muito do que hoje tem de apetrechamento cirúrgico.

«Foi êste sentido de abnegação e de caridade que desejei focar perante o Conselho Municipal, que eleva o Dr. Gomes de Almeida à categoria de Benemérito não sómente do Hospital mas também do nosso concelho, para que oportunamente se lhe preste homenagem de reconhecimento pelo bem que tem praticado e continuará a praticar em benefício dos nossos doentes pobres, muitos dos quais, por necessitados de intervenções cirúrgicas, teriam de recorrer à Câmara para serem internados e operados fora da nossa terra — sob pena de morrerem ou de sofrerem eternamente dos seus males.

«Hoje, pode dizer-se, e isso quero dizer, — o Hospital de Barcelos está apto a prestar todos os serviços



Fot. Robim

Hospital de Barcelos – Uma das enfermarias de 1.^a classe

de assistência clínica e cirúrgica aos doentes que o procurem, sem necessidade de recorrer-se a outros meios.

« Apenas uma dificuldade existe que por si mesma a Santa Casa não pode resolver. E é essa dificuldade a falta de meios próprios para desenvolver mais a sua actividade de assistência a pobres e indigentes. E é por isso que a Mesa da Santa Casa se dirige, neste momento, aos povos do concelho de Barcelos, a pedir-lhes auxílio capaz ao desenvolvimento e alargamento dos seus serviços de assistência e ajustamento de outros às conveniências da higiene e segurança dos meios de tratamento e de cura.

« Terá que ampliar-se o edifício do Hospital para serem instaladas convenientes enfermarias de isolamento para doenças infecto-contagiosas, enfermarias para parturientes, enfermarias de repouso e convalescença? — ou terá o actual edifício capacidade utilizável a tais instalações? — Os técnicos o dirão a seu tempo.

« O que a Mesa da Santa Casa pretende agora, é aproveitar a aura de actividade e de zêlo e de carinho que cercam o Hospital, as boas-vontades que animam e incitam, o entusiasmo e dedicação dos que trabalham a dentro das suas portas. A nossa terra é meio propício a largas iniciativas e realizações, quando nos deixamos desprender da cadeia que nos liga à inactividade. Nada se fará se nos dispersamos e se nos desinteressarmos das realizações que afloram como imperativo de trabalho, ou como meio de sermos úteis uns aos outros.

« Comunicado a V. Ex.^a, Sr. Presidente da Câmara, e ao Conselho Municipal a iniciativa da Mesa da Santa Casa, eu peço a todos, em nome dos indigentes pobres, a boa-vontade, o trabalho e dedicação de todos, para que nas freguesias do concelho se compreenda a necessidade de ajudar o Hospital e a conveniência de todos, como um só, lhe facultarem meios para maior capacidade económica, indispensável ao alargamento e maior eficiência dos serviços no campo da Assistência.

« V. Ex.^{as}, Srs. Conselheiros Municipais, podem fazer muito. Podem, nas freguesias a que pertencem e pelas suas relações em outras, activar e animar a que

se trabalhe pelo bom sucesso da Semana do Hospital. Os que aqui representam organismos corporativos, podem igualmente fazer muito através dos componentes dos Grémios, dos Sindicatos e das Casas do Povo que representam. E V. Ex.^a, Sr. Presidente, pode fazer mais: Tem, pode dizer-se, como seus delegados em tôdas as freguesias do concelho, as Juntas de Freguesia às quais se estende o seu domínio administrativo, e os Regedores, como delegados da autoridade que exerce.

«Para a boa-vontade de todos apelo, no cumprimento do meu dever de representante da Misericórdia neste Conselho Municipal, a bem do nosso Hospital e da resolução do nosso problema da Assistência em tôdas as suas modalidades, uma das quais é o serviço hospitalar.

E terminou, dizendo que com as palavras que proferiu, pretendeu:

«3.º — Pedir que se preste homenagem, quando fôr oportuno, àqueles que através do Hospital da Misericórdia trabalharam e estão a trabalhar pelo bem estar público, não mostrando outro interêsse diferente do bem-fazer. E neste momento não quero esquecer a memória do Dr. António Ferraz, que ao Hospital de Barcelos prestou serviços inesquecíveis.

«4.º — Pedir a cooperação de V. Ex.^a e da Câmara e a dêste Conselho Municipal, para que a Semana do Hospital traduza na prática, auxílio valioso a essa Casa de Caridade que ocupa, no sector da Assistência, lugar primacial».

O exposto foi calorosamente apreciado e apoiado por todos os Srs. Conselheiros Municipais e todos prometeram dar o seu mais decidido concurso à iniciativa da Mesa da Santa Casa.

*

*

*

Continuou a propaganda a acentuar-se, por meio de circulares e por meio da Imprensa local, por meio de manifestos que foram distribuídos e pela palavra falada, não se esquecendo o que os resultados

obtidos ficaram devendo às exortações dos Srs. Párocos das freguesias do Concelho, que às missas conventuais não cessaram de proclamar a conveniência e necessidade de todos concorrerem com donativos para a Semana das Ofertas ao Hospital.

Num dos penúltimos dias da propaganda, ao microfone do equipamento sonoro obsequiosamente cedido pelo Sr. Eurico Soucasaux, o Vice-Provedor da Santa Casa explicou ao público barcelense que motivos teve a Mesa da Santa Casa para promover a Semana das Ofertas e expoz os objectivos materiais e sociais da campanha a benefício do Hospital.

Poucos dias depois, ao mesmo microfone, o Sr. Conde de Vilas Boas, prestigioso Presidente do Grupo Amigos de Barcelos, fêz um apêlo ao povo do concelho, para que concorresse tanto quanto pudesse, a benefício do Hospital.

E no Domingo anterior á quinta-feira 7 de Outubro, o Sr. Dr. Francisco Torres, Director Clínico do Hospital, fêz ao mesmo microfone um relato sucinto da acção do Hospital da Misericórdia no terreno da assistência aos doentes do concelho, permenorizando número de internamentos, de consultas, de tratamentos no «banco», de injeccções fornecidas, de operações e pequenas operações cirúrgicas que se fizeram, e outros serviços—notas estatísticas interessantíssimas bem dignas de serem tornadas públicas, razão porque as fornecemos ao leitor, em outra página.

O dia da entrega das “ofertas”

CHEGARA, finalmente, o dia 7 de Outubro, Quinta-feira.

Já de véspera a chuva ameaçava de cair... mas no dia 7 tornou-se tão insistente e constante, acompanhada de vento, que tornava impraticável a caminhada dos romeiros e dos carros de bois pelos caminhos das freguesias e pelas estradas do concelho, que conduzem à cidade.

Nada impediu, porém, que os ofertantes viessem a conduzir em cestos e em carros, o que destinaram ao Hospital da sua terra, correspondendo ao apêlo que a todos havia dirigido a Mesa da Santa Casa da Misericórdia.

Marcada para as 10 horas e meia a concentração dos carros das oferendas, já meia hora antes os locais a êsse fim destinados estavam fartamente ocupados.

Vieram todos, a acompanhar os carros e os cestos das ofertas — tôdas as freguesias do concelho largamente representadas, e havia carros e cestos caprichosamente engalanados, com flores, hera, festões, e as raparigas trajando à sua moda aldeã.

As ruas da cidade estavam embandeiradas, havia músicas a percorrê-las, foguetes cortavam o espaço, — ... e a chuva, impertinente, teimosa, tocada por vento frio, cortante, não impedia ninguém de tomar parte na festa.

Às 11 horas S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo Primaz dera entrada na cidade, recebido pela Mesa Administrativa da Santa Casa, pela Câmara, Autoridades, Legião e Mocidade Portuguesa, Corporações de Bombeiros, representantes dos Grémios e dos Sindicatos e funcionários civis e administrativos. E minutos depois chegara Sua Ex.^a o Senhor Governador Civil do Distrito, que foi recebido pelas mesmas entidades.

Imediatamente o cortejo dos carros e outros meios de condução das ofertas se pôs em marcha, da Ponte sôbre o Cávado para o Hos-

pital. À frente dele seguiam representantes da Mesa da Santa Casa, o Sr. Governador Civil, o Vice-Presidente da Câmara, Vereadores, representações de organismos associativos, Legião e Mocidade, Bombeiros, etc. etc.

A chuva impediu que fôsse utilizado o pavilhão construído em frente do Hospital, para celebração da Missa em sufrágio da alma dos Bemfeitores falecidos e que aí tivessem lugar outros actos. Por essa razão a Missa foi celebrada na Igreja do Hospital, e explicada ao povo, através de potente alto-falante, pelo Sr. Cónego-Prior de Barcelos.

Finda a cerimónia religiosa, sendo de notar que durante ela o povo se manteve agrupado e dentro do maior respeito e boa ordem, apesar da chuva que não cessara de cair, passou-se à sala nobre do edifício da Santa Casa, aonde iam realizar-se actos de solene significação.

Agradecimento ao Concelho

EM frente ao grande edifício do Hospital estavam postados, em três longas filas, os carros com as ofertas do concelho, acompanhados dos seus condutores e das raparigas conduzindo os cestos com géneros, aves, etc., bem como largas representações das populações das freguesias.

Apesar da chuva, ninguém abandonara a parada. O vasto Campo da Feira quási não tinha vazios — todo estava ocupado pelos que vieram dar ao Hospital da Misericórdia.

Ao microfone do equipamento sonoro, falou em primeiro lugar o *Vice-Presidente da Câmara*, Sr. Francisco José Monteiro Tôrres, que «principiou por agradecer às entidades oficiais o brilho da sua presença. Fala do cortejo das oferendas — nessa admirável romagem de caridade ao Hospital da Misericórdia. Espectáculo de rara beleza moral, êle entra no coração de todos. Os barcelenses, para receberem o simbólico cortejo, engalanaram as suas ruas e as suas almas. Êle honra e dignifica a nossa gente — essa boa e santa gente que veio das terras mais afastadas trazer as suas oferendas. Refere-se com simpatia e entusiasmo à enorme obra do Hospital da Misericórdia. Saliencia os benefícios que o mesmo vem prestando às classes mais pobres, e que não seriam possíveis se não fôsse afluír tanta e tanta generosidade, tanto e tanto auxílio. Destaca a preciosa cooperação das autoridades das freguesias para o bom êxito do cortejo das oferendas. E agradece aquela expressão de concreta boa vontade. Recorda dois beneméritos, agora distantes do nosso país: Paulo Felisberto da Fonseca e Miguel Gomes de Miranda. Exalta-os pelo bem que têm feito à Misericórdia. Termina por exortar os pobres de Barcelos a rogarem por aqueles dois beneméritos e por todos os que tornaram possível o cortejo das oferendas, que se destina, afinal, aos pobres ».

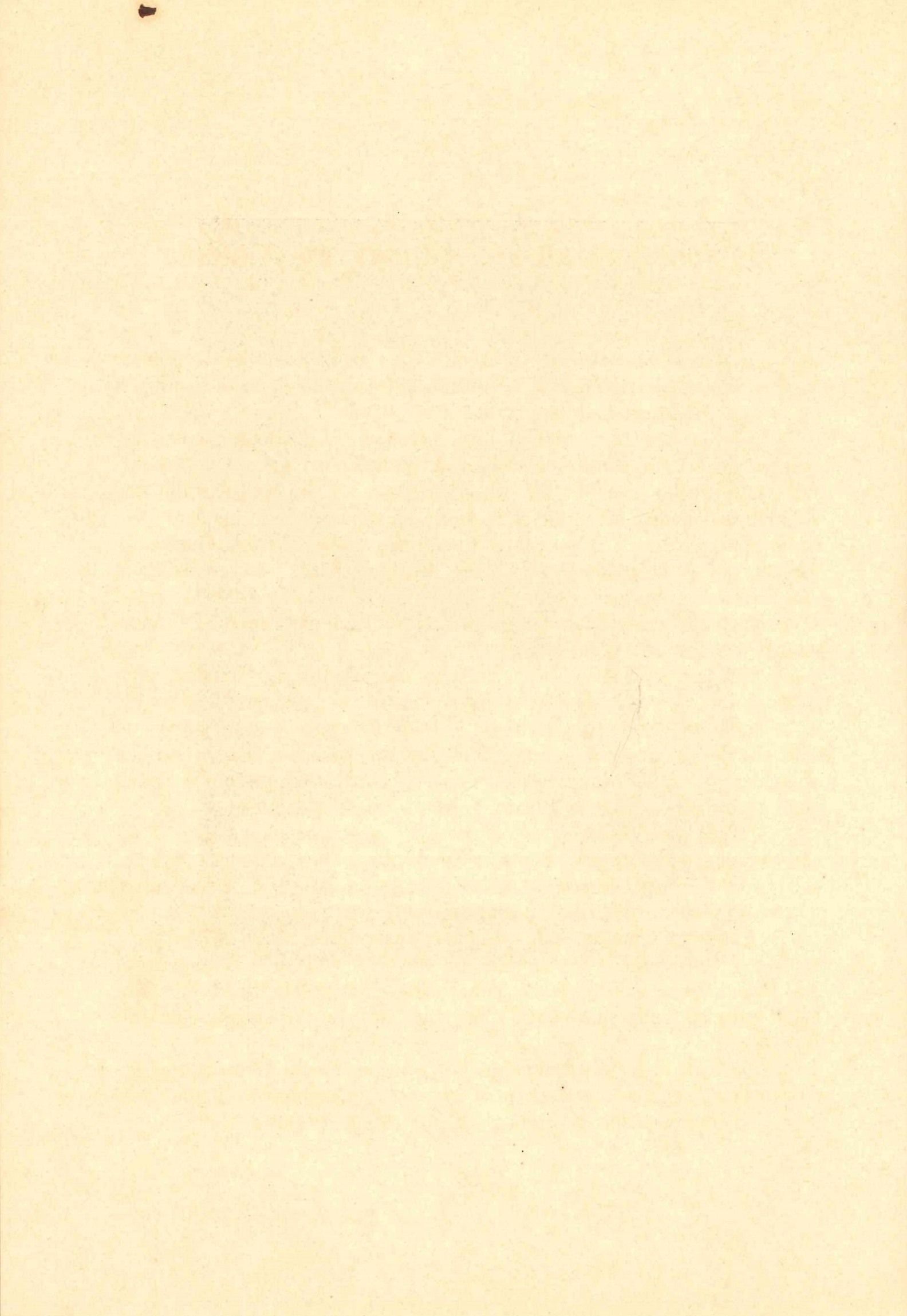
O Sr. João de Sousa, Vice-Provedor da Misericórdia, fala a seguir: «Dirige os seus cumprimentos e agradecimentos às autoridades do Distrito e ao Sr. Arcebispo de Braga. Afirma que a sua presença é honrosíssima para a cidade de Barcelos. O seu agradecimento vai depois — profundo e caloroso — para tôdas as entidades e comissões cooperadoras pela maneira decidida e carinhosa como contribuíram para o bom êxito daquela bela manifestação de solidariedade. Não esquece, também, a Imprensa, pregoeira dedicada da campanha em prol da Misericórdia. Dirige-se ao «cortejo das oferendas», e à sua gente, classificando-o de verdadeiro milagre da caridade. Sêde bem-vindos a esta casa,— exclama, vibrante e comovido. Todos deram, frisa, mesmo aquêles que não podiam. Deram para esta obra que é sua. O coração não pode deixar de vibrar ante tamanha prova de generosidade. A todos agradece mais uma vez; aos que vieram de longe e aos que são da beira da porta, porque uns e outros contribuíram como puderam para a obra comum».

À falta de outros elementos, foram reproduzidas do «Comércio do Pôrto» as sùmulas dos discursos proferidos.



Fot. Robim

Hospital de Barcelos — Uma das enfermarias de 2.^a classe



Homenagem ao Dr. Gomes de Almeida

O DR. GOMES DE ALMEIDA é o Médico-Cirurgião que há mais de cinco anos vem prestando dedicados serviços ao concelho, através do Hospital da Misericórdia.

Trouxe-o para o nosso Hospital o distinto clínico barcelense Dr. Aires Duarte, ilustre médico do nosso quadro hospitalar.

Numa das sessões da Mesa da Santa Casa, realizada em fins de 1942, o malgrado e saúdoso Mesário-Tesoureiro Sr. Joaquim José de Araújo, propoz à Mesa a colocação do retrato do Dr. Gomes de Almeida na galeria dos Beneméritos da Santa Casa, em homenagem aos dedicados serviços por S. Ex.^a prestados no nosso Hospital. A proposta foi aprovada unanimemente, e ficou para momento oportuno a inauguração dêsse retrato.

Deliberado realizar-se a Semana das ofertas ao Hospital, logo se assentou que a inauguração do retrato do Dr. Gomes de Almeida fôsse feita na ocasião da entrega das ofertas, para que os povos do concelho se associassem a essa homenagem, como era justo, visto que eram os povos do nosso concelho quem mais lucravam com a actividade cirúrgica do distinto clínico, feita no nosso Hospital.

E foi para associar o concelho a essa homenagem que o Vice-Provedor, membro do Conselho Municipal, propoz à Câmara que, como representante do concelho, manifestasse também, em nome dêste, a sua gratidão ao abalizado cirurgião.

Assim, a Câmara Municipal, em sua reunião de 4 de Outubro, deliberou considerar o Dr. Gomes de Almeida «Cidadão Barcelense», em homenagem aos serviços por S. Ex.^a já prestados, como Médico-Cirurgião, aos pobres do concelho através do Hospital da Misericórdia.

Terminado o agradecimento ao concelho pelas ofertas entregues ao Hospital, seguiu-se a *sessão solene* de homenagem ao distinto médico. Relatou-a assim o referido «Comércio do Pôrto»:

«Seguiu-se uma significativa sessão de homenagem ao conhecido médico-cirurgião Sr. Dr. Gomes de Almeida, que presta há alguns anos, àquêlê Hospital, os maiores e mais valiosos serviços. Presidiu o Chefe do Distrito, ladeado pelo venerando Arcebispo de Braga, Presidente Câmara, Dr. Bissaia Barreto, João de Sousa, etc. Estavam presentes as individualidades mais em evidência daquela cidade, vendo-se ainda, muitas e distintas Senhoras.

«O Sr. Presidente da Câmara, usando da palavra, fêz o elogio do Snr. Dr. Gomes de Almeida, que a Câmara Municipal de Barcelos, numa das suas últimas sessões, nomeou, justamente, «cidadão barcelense». É um médico e um benemérito que tem salvo tantas e tantas vidas, e que à Misericórdia de Barcelos tem prestado grandes serviços. Tem V. Ex.^a — diz — direito à gratidão dos pobres e daqueles que sentem as suas desditas. Entregalhe depois, abraçando-o, o diploma de «Cidadão Barcelense», acto que a assistência sublinha com palmas prolongadas e vibrantes».

«O Sr. Provedor, que fala depois, diz que aquela homenagem foi da iniciativa da Mesa da Santa Casa da Misericórdia. Diz que o Sr. Dr. Gomes de Almeida tem vindo há mais de cinco anos, sem falha, àquêlê Hospital. O apetrechamento cirúrgico do hospital é obra dêle, pois foi quem deu impulso à cirurgia naquele estabelecimento. Exalta a sua actividade como chefe de uma boa, de uma magnifica equipa cirúrgica, que é a que actua naquele hospital. Outras razões ainda justificam a homenagem. A assistência médico-cirúrgica que tem feito às classes pobres revela a nobreza dos seus sentimentos, a sua generosidade proverbial. Nunca perguntou, no fim de uma intervenção, se o pobre tinha dinheiro para pagar. O seu espírito de isenção e de caridade, são merecedores de tôdas as homenagens.

«O Sr. Provedor, exaltando as altas qualidades de médico e de filantropo do Dr. Gomes de Almeida, termina por agradecer mais uma vez em seu nome, no do Hospital e no dos pobres, as benemêrências incomparáveis do homenageado.

«Uma filha do homenageado, a convite do Provedor, descerrou, depois, o seu retrato, entre palmas calorosas e vibrantes».

O Sr. Dr. Francisco Tôrres, Director Clínico do Hospital, discursando a seguir, salienta a notável obra de assistência empreendida pelo Hospital de Barcelos. Friza que se não fôsse o precioso concurso do Dr. Gomes de Almeida ela não teria continuidade. Fala da acção do homenageado, sôbretudo nos serviços desinteressados que presta aos pobres. Diz que êle vem muitas vezes de Espinho ver os

seus doentes menos favorecidos da fortuna, e nada lhes pede. Exalta a sua notável isenção, e formula o voto de que o Dr. Gomes de Almeida continue a prestar o seu precioso concurso ao Hospital e aos pobres».

«O Sr. Dr. Domingos de Figueiredo presta, também, calorosa homenagem ao Dr. Gomes de Almeida, pondo em evidência o seu saber e a sua generosidade».

«O Sr. Dr. José de Oliveira, Governador Civil de Braga, que fala por último, agradece aquela hora de prazer moral e de alegria sã que lhe foi dado viver. Fala do « cortejo das oferendas », festa linda e generosa, que se não apagará do coração e do espírito de quantos a viram; e da homenagem ao Dr. Gomes de Almeida, justa e merecida pelas belas qualidades morais e profissionais que o exornam. Produz uma série de brilhantes considerações e termina por abraçar o homenageado ».

Terminou assim a homenagem que a Santa Casa da Misericórdia por si e em nome dos pobres, e a Câmara Municipal em nome do concelho agradecido, prestaram ao Sr. Dr. Manuel Gomes de Almeida.

A entrega das ofertas

TERMINADA esta solenidade, foi transmitida ordem para os carros descarregarem, na Cêrca do Hospital, as oferendas do Concelho.

A chuva não cessara de cair. Impertinente e teimosa, dificultara que se pudesse avaliar, ao menos de «vista», a composição dos inúmeros carros, o valor do que êles traziam, o volume das ofertas. Os que conduziam gêneros agrícolas, como cereais e legumes e vinho, descarregaram junto do edifício, a dentro da Cêrca. Os que conduziam toros de pinheiro e de eucalipto, descarregaram uns dentro e outros fora da Cêrca. Muitos conduziam palha de centeio e lenha para os fogões. Nos cestos vinham aves de capoeira, coelhos, frutas, etc. Num carro veio um suíno. A imensidade das coisas oferecidas foi descarregada à pressa, para se fugir da chuva que continuava a incomodar a boa ordem dos serviços de descarga.

Na Secretaria do Hospital foram entregues as listas do que constavam as ofertas de cada freguesia, em gêneros e dinheiro. O valor de tudo subiu a 201.910\$52 escudos, sendo 120.503\$20 em dinheiro e 81.407\$32, em madeiras, lenhas e gêneros e outros artigos.

Adiante se dá em mapas especiais, o resultado que foi obtido, exactamente quanto a umas e aproximadamente quanto a outras freguesias, em virtude de, quanto a estas, se não ter podido apurar, ao certo, o que delas veio em espécies, quantitativamente.

Honra ao concelho de Barcelos, que soube compreender o que está devendo aos serviços hospitalares, e honra a todos que trabalharam na angariação dos donativos.

Os nomes de todos que trabalharam e de todos que deram, constituem listas de honra nos arquivos da Santa Casa da Misericórdia, onde ficam religiosamente guardadas com carinho, a atestar a caridade dos povos do nosso concelho, o seu zêlo e o seu amor ao Hospital da Misericórdia.

Que as bênçãos de Deus cubram tantos lares que se desfizeram de alguma coisa do que tinham, em benefício dos que têm de recorrer ao Hospital, a agasalhar-se sob o manto da Caridade, que é o seu maior título de beleza!

Houve pessoas que deram mais do que podiam, porque deram aquilo que (quem sabe?) tinham como única provisão do dia seguinte!

Se aqui fôssemos a contar cenas que se deram na cidade, casos de beleza moral e casos de Caridade inexcedível, penas de quem não deu por que nada tinha para dar e queria dar, lágrimas de dor por não ter que dar ao Hospital,—e cenas, tantas como essas, que se teriam dado nas freguesias do concelho, haviam de todos concluir que, na verdade, não morreu, nos corações e nas almas, essa grande Virtude da Caridade Cristã! . . .

A Santa Casa da Misericórdia de Barcelos contraíu para com todos uma dívida que é sagrada, a que tem de corresponder e a que há-de corresponder, querendo Deus, em benefício dos pobres que lhe batam à porta . . .

Continuem todos a ajudar a vida, o desenvolvimento e a capacidade bem-fazeja do Hospital. Nunca lhe regateiem uma dádiva, nunca se esquivem a ajudá-lo, que êle é, nas horas amargas da vida, nos momentos em que a doença prosta os que não têm meios para se tratar, um agasalho e um refúgio, um bálsamo e um recurso salutar!

Basta dizer que o Hospital é um dos meios de que a Caridade se serve para suavizar os sofrimentos e enxugar muitas lágrimas!

RESULTADOS FINAIS

da I Semana das Ofertas ao Hospital

Com data de 30 de Novembro de 1943, foi fornecido à imprensa local, em *nota officiosa*, um resumo dos rendimentos obtidos pela I Semana das Ofertas ao Hospital da Misericórdia.

Aí se disse que devido ao mau estado do tempo não foi possível verificar-se o número dos carros que conduziram ofertas, presumindo-se, porém, que êsse número passasse de 500.

Resumiu-se, então, o valor das ofertas em dinheiro e espécies e deu-se nota das despesas ocasionadas por essa I Semana das Ofertas.

Êsse apuramento feito em 30 de Novembro sofreu pequeníssimas alterações.

A verificação final deu o seguinte resultado :

Donativos em dinheiro	120.503\$20
Ditos em espécies	81.407\$32
Total	<u>201.910\$52</u>

A DEDUZIR :

Géneros para consumo no Hospital	29.953\$10	
Ditos para consumo no Asilo	987\$00	
Despesas efectuadas	8.221\$63	39.161\$73
Resultados líquidos		<u>162.748\$79</u>

Para os que tiverem a curiosidade de saber em que se gastaram 8.221\$63, descremina-se, seguidamente, êsse dispendio :

Selos do correio, papel, impressos e outro expediente	3.056\$05
Transportes	356\$60
Arrumações, separação de madeiras e guardas à Cêrca, incluindo jantar a Legionários	1.479\$00
Carpinteiros, madeira e ornamentações.	491\$48
Pão de trigo e carne oferecida	1.786\$00
Música de Oliveira e foguetes	557\$50
Recepção de hóspedes de honra	495\$00
Total das despesas	<u>8.221\$63</u>

Não deixará de interessar o conhecimento do que ao Hospital da Misericórdia foi oferecido em espécies diversas e o destino que tiveram.

Tendo sido o montante das ofertas em espécies a quantia de 81.407\$32, e tendo ficado para consumo no Hospital e no Asilo géneros no montante de 30.940\$10, verifica-se que se venderam artigos que produziram o montante de Esc. 50.467\$22.

Seguidamente se dá relação tanto quanto possível exacta, dos artigos que foram recolhidos :

120.503\$20	Donativos em dinheiro
81.407\$32	Ditos em espécies
<u>201.910\$52</u>	Total

A DEDUZIR :

20.923\$10	Géneros para consumo no Hos-
087\$00	pital
8.221\$63	Ditos para consumo no Asilo
30.101\$73	Despesas electuadas
<u>101.748\$79</u>	Resultados líquidos



Fot. Robim

Hospital de Barcelos — Uma das enfermarias gerais

DESCRIMINAÇÃO DAS OFERTAS

Quantidades	ESPÉCIES OFERECIDAS	Valor aproximado	Para consumo no:	
			HOSPITAL	IASILO
12.631	Quilos de batata a 1\$20	15.157\$20	3.924\$00	396\$00
18	Quintais de cebolas a 50\$00	900\$00	150\$00	—\$—
2	Carros de torga a 17\$50	35\$00	—\$—	—\$—
1	» de faúlha.	25\$00	—\$—	—\$—
201	Molhas de lenha de póda	59\$01	—\$—	—\$—
160	Toneladas (aproximadamente) de tóros de de pinheiro e eucalipto	20.000\$00	—\$—	—\$—
2.400	Centos de achas de pinho a 30\$00	7.200\$00	7.200\$00	—\$—
6.300	Litros de vinho branco e tinto	8.107\$00	—\$—	—\$—
400	» » »	560\$00	—\$—	—\$—
500	» » » americano	400\$00	400\$00	—\$—
250	» » » defeituoso	200\$00	200\$00	—\$—
17	Toneladas de lenha das fábricas	3.400\$00	3.400\$00	—\$—
1.140	Quilos de feijão Frade.	3.570\$25	1.068\$75	210\$00
735	» » » Moleiro	2.737\$50	1.125\$00	225\$00
225	» » » Branco	843\$75	333\$75	60\$00
2.970	» » Milho	4.752\$40	936\$00	96\$00
440	» » Centeio	1.026\$70	—\$—	—\$—
158	» » Trigo	521\$40	521\$40	—\$—
26	Abóboras a 3\$00.	78\$00	78\$00	—\$—
5	Quilos de Manteiga.	100\$00	100\$00	—\$—
15	» » Farinha de Milho	24\$00	24\$00	—\$—
15	Razas de moínha	15\$00	15\$00	—\$—
96	Ovos	48\$00	48\$00	—\$—
18	Quilos de Castanhas	36\$00	36\$00	—\$—
	Roupa para duas camas	200\$00	200\$00	—\$—
1	Cama de ferro para criança, com lençóis e manta.	500\$00	500\$00	—\$—
33	Cobertores de algodão, pequenos	1.000\$00	1.000\$00	—\$—
1	» de lã da Serra	100\$00	100\$00	—\$—
1	Ferro eléctrico para brunir	100\$00	100\$00	—\$—
12	Toalhas de rosto, de feltro	150\$00	150\$00	—\$—
10	Metros de pano para lençóis.	100\$00	100\$00	—\$—
28	» de Linho caseiro	520\$00	520\$00	—\$—
1	Porca de criação	250\$00	250\$00	—\$—
100	Aves (Ganços, Galinhas, Patos e Frangos).	1.300\$00	1.300\$00	—\$—
25	Coelhos	150\$00	150\$00	—\$—
6	Dúzias de Carros de Linha	70\$00	70\$00	—\$—
49	Canecas de barro	50\$00	50\$00	—\$—
3	Talhas grandes, de barro	60\$00	60\$00	—\$—
2	Alguidares e pratos de barro.	10\$00	10\$00	—\$—
2	Colunas de madeira para vasos.	30\$00	30\$00	—\$—
1	Bacia de barro para lavatório	20\$00	20\$00	—\$—
1	Cadeira de madeira, pequena	10\$00	10\$00	—\$—
	Várias frutas	100\$00	100\$00	—\$—
	Chouriços	100\$00	100\$00	—\$—
	Artigos variados.	200\$00	200\$00	—\$—
1	Garrafão com aguardente.	60\$00	60\$00	—\$—
9.788	Quilos de palha de centeio	3.467\$91	2.250\$00	—\$—
	Medicamentos	1.383\$20	1.383\$20	—\$—
	Material cirúrgico	1.200\$00	1.200\$00	—\$—
	Telha e tijolos	320\$00	320\$00	—\$—
8	Carros de mato	160\$00	160\$00	—\$—
	<i>Total</i>	81.407\$32	29.953\$10	987\$00

E para que se saiba como cada freguesia concorreu para a sustentação do Hospital e do Asilo de Invalidos, tôdas certamente segundo as posses dos seus habitantes e conforme a maneira como actuaram as Comissões que nas Freguesias do Concelho representavam a Mesa da Santa Casa no pedido dirigido por ela a todos os Barcelenses, relacionou-se, por freguesias, o montante do que cada uma concorreu, em dinheiro e espécies.

Quanto a espécies, foi difícil verificar-se, *exactamente*, o valor do que foi oferecido, em virtude de em muitas das listas entregues se não indicar a quantidade dos géneros nem das espécies que foram entregues, sendo até possível que uma ou outra freguesia não indicasse que também de lá vinham artigos em espécie.

Fez-se, contudo, cálculo muito aproximado; e a demonstrar que êste é *quasi* exacto, chama-se a atenção para o facto de no Mapa anterior se ter apurado valor dos géneros recolhidos em Esc. 81.407\$32, e no Mapa que a seguir se insere se ter verificado, no conjunto das freguesias, o valor dos artigos em Esc. 80.517\$40, existindo entre um e outro cômputo, a diferença de Esc. 889\$92, mencionada no fecho dêste segundo mapa, para acêrto.

Como as freguesias do concelho de Barcelos concorreram para o Hospital, dá-lo o seguinte mapa :

1	10000	10000	Carros de mão	1
2	10000	10000	Tela e fillos	2
3	10000	10000	Materiais cingidos	1
4	10000	10000	Medicamentos	1
5	10000	10000	Qullas de palha de castelo	1
6	10000	10000	Garções com aguardente	1
7	10000	10000	Artigos variados	1
8	10000	10000	Choupas	1
9	10000	10000	Vãos letins	1
10	10000	10000	Cadeiras de madeira, pedras	1
11	10000	10000	Bacia de barro para lavar	1
12	10000	10000	Colunas de madeira para vasos	2
13	10000	10000	Alcuzas e bacias de barro	2
14	10000	10000	Talhas grandes de barro	3
15	10000	10000	Caneças de barro	10
16	10000	10000	Dixas de Cartas de Lisboa	8
17	10000	10000	Colhoas	25
18	10000	10000	Avex (frangos, Galinhas, Patos e Frangos)	100
19	10000	10000	Parca de criação	1
20	10000	10000	de Lisboa crasso	28
21	10000	10000	Melros de barro para lechada	10
22	10000	10000	Talhães de metal de ferro	13
23	10000	10000	Forno eléctrico para pão	1
24	10000	10000	de 1/2 da beta	1
25	10000	10000	Bobetoras de algodão, pedras	33
26	10000	10000	e mantas	1
27	10000	10000	Cama de ferro para criança com lechada	1
28	10000	10000	Roupas para duas crianças	1
29	10000	10000	Qullas de Castanhas	15
30	10000	10000		
31	10000	10000		
32	10000	10000		
33	10000	10000		
34	10000	10000		
35	10000	10000		
36	10000	10000		
37	10000	10000		
38	10000	10000		
39	10000	10000		
40	10000	10000		
41	10000	10000		
42	10000	10000		
43	10000	10000		
44	10000	10000		
45	10000	10000		
46	10000	10000		
47	10000	10000		
48	10000	10000		
49	10000	10000		
50	10000	10000		
51	10000	10000		
52	10000	10000		
53	10000	10000		
54	10000	10000		
55	10000	10000		
56	10000	10000		
57	10000	10000		
58	10000	10000		
59	10000	10000		
60	10000	10000		
61	10000	10000		
62	10000	10000		
63	10000	10000		
64	10000	10000		
65	10000	10000		
66	10000	10000		
67	10000	10000		
68	10000	10000		
69	10000	10000		
70	10000	10000		
71	10000	10000		
72	10000	10000		
73	10000	10000		
74	10000	10000		
75	10000	10000		
76	10000	10000		
77	10000	10000		
78	10000	10000		
79	10000	10000		
80	10000	10000		
81	10000	10000		
82	10000	10000		
83	10000	10000		
84	10000	10000		
85	10000	10000		
86	10000	10000		
87	10000	10000		
88	10000	10000		
89	10000	10000		
90	10000	10000		
91	10000	10000		
92	10000	10000		
93	10000	10000		
94	10000	10000		
95	10000	10000		
96	10000	10000		
97	10000	10000		
98	10000	10000		
99	10000	10000		
100	10000	10000		

VALOR DAS OFERTAS AO HOSPITAL DA MISERICÓRDIA

NA _____

I SEMANA REALIZADA EM 7 DE OUTUBRO DE 1943 :

Freguesias	Dinheiro	Espécies	Freguesias	Dinheiro	Espécies
Abade de Neiva . . .	620\$00	1.016\$00	<i>Transporte</i>	98.223\$50	53.088\$50
Aborim	248\$00	—\$—	Panque	244\$00	—\$—
Adães	254\$00	778\$00	Paradela	260\$00	527\$50
Aguiar.	100\$50	698\$00	Pedra Furada	500\$00	3.790\$60
Airó	122\$50	690\$00	Pereira	345\$00	469\$50
Aldreu	576\$50	100\$00	Pereihal	803\$50	1.221\$30
Alheira	660\$00	1.090\$20	Pousa	2.078\$20	130\$00
Alvelos	617\$50	1.054\$00	Quintiães.	270\$50	937\$ 0
Alvito (S. Martinho). .	70\$00	424\$80	Remelhe	253\$50	327\$00
Alvito (S. Pedro). . .	1.332\$50	1.5 89\$0	Rio Covo (Santa Eu- génia).	401\$00	—\$—
Arcoselo	1.661\$70	761\$50	Rio Covo (Santa Eu- lália)	476\$50	685\$00
Areias (S. Vicente) . .	860\$50	1.768\$00	Roriz	531\$00	1.502\$10
Areias de Vilar.	415\$00	999\$60	Sequiade	255\$10	884\$00
Balugães	852\$20	—\$—	Silva	500\$00	635\$00
Barcelinhos	2.107\$50	680\$00	Silveiros	350\$00	4.605\$80
Barcelos	67.340\$20	3.800\$00	Tamel (S. Fins)	139\$00	—\$—
Barqueiros	463\$50	275\$ 10	Tamel (St. ^a Leocádia) .	34\$50	701\$10
Bastuço (St. ^o Estêvão) .	410\$50	—\$—	Tamel (S. Veríssimo) .	1.564\$50	1.111\$50
Bastuço (S. João). . .	—\$—	—\$—	Tregosa	285\$00	942\$00
Cambezes	50\$00	854\$00	Ucha	300\$00	608\$20
Campo.	190\$50	1 017\$50	Várzea.	454\$50	—\$—
Carapeços	946\$50	795\$50	Viatodos	1.365\$00	1.380\$00
Carreira	800\$00	690\$00	Vila Boa	800\$00	378\$50
Carvalho.	368\$00	1.343\$00	Vila Cova	678\$10	711\$00
Carvalhas	146\$00	820\$00	Vila Fresc. (S. Mar- tinho)	320\$00	576\$00
Chavão	140\$00	330\$00	Vila Fresc. (S. Pedro)	500\$00	203\$00
Chorente	687\$20	—\$—	Vila Seca	865\$00	468\$00
Cossourado	993\$50	365\$00	Vilar de Figos.	275\$80	530\$70
Courel.	670\$00	—\$—	Vilar do Monte.	75\$00	200\$00
Couto (S. Tiago). . . .	488\$00	—\$—		113.148\$20	76.614\$20
Creixomil.	492\$70	—\$—	De fora do Concelho de Barcelos :		
Cristelo	50\$00	1.808\$00	Pôrto	4.835\$00	2.803\$20
Durrães	412\$00	—\$—	Pevidem	200\$00	1.000\$00
Encourados	892\$00	440\$00	Castanheira de Pera.	50\$00	100\$00
Faria	143\$40	280\$00	Lisboa.	510\$00	—\$—
Feitos	363\$60	394\$20	Braga	100\$00	—\$—
Fonte Coberta	60\$50	608\$00	Guimarães	150\$00	—\$—
Fornelos	182\$90	710\$60	Famalicão	750\$00	—\$—
Fragoso	151\$00	2.953\$00	Penafiel	20\$00	—\$—
Galegos (St. ^a Maria) . .	659\$40	1.050\$00	Viseu	50\$00	—\$—
Galegos (S. Martinho)	1.168\$10	326\$00	Vizela	20\$00	—\$—
Gamil	148\$50	—\$—	Alvarães	300\$00	—\$—
Gilmonde.	345\$00	555\$40	Ponte de Lima	20\$00	—\$—
Góios	638\$50	1.050\$00	Covilhã	100\$00	—\$—
Grimancelos.	619\$30	—\$—	Mangualde	30\$00	—\$—
Gueral.	395\$00	3.251\$00	Negrelos	100\$00	—\$—
Igreja Nova.	205\$80	432\$00	Tortozendo	70\$00	—\$—
Lama	801\$10	421\$00	Fafe	50\$00	—\$—
Lijó.	620\$00	1.407\$20			
Macieira	541\$00	5.703\$80	Diferenças entre o apurado e o verifi- cado das listas.	—\$—	889\$92
Manhente.	851\$50	1.761\$60			
Mariz	98\$50	650\$00	TOTAIS	120.503\$20	81.407\$32
Martim	927\$50	—\$—			
Midões	507\$00	—\$—			
Milhazes	511\$50	1.652\$00			
Minhotães	402\$70	1.046\$70			
Monte de Fralães. . . .	188\$50	448\$00			
Moure.	328\$10	975\$80			
Negreiros	295\$00	1.450\$00			
Oliveira	662\$60	734\$10			
Palme	356\$60	1.432\$70			
<i>A transportar</i>	98.223\$50	53.088\$50			

Benefícios que o Hospital tem prestado

ESTE foi o tema da palestra que o Ex.^{mo} Sr. Dr. Francisco Rodrigues Tôrres, ilustre Director Clínico do Hospital, proferiu ao microfone na noite de 1 de Outubro de 1943.

Escutado por muitas centenas de pessoas de tôdas as categorias sociais, S. Ex.^a referiu-se ao desenvolvimento que nos últimos anos têm tido os serviços hospitalares, tendo demonstrado quanto de benéfica tem sido a actuação do nosso Hospital a bem de todos os doentes que o procuram, tanto ricos como pobres.

Depois de dizer que não era momento para falar da actividade daquêle estabelecimento de caridade nos últimos 25 anos (tantos são os da sua vida de médico do Hospital), informou que apenas ia tratar da actividade desenvolvida nos últimos cinco anos (1938 a 1942) período êste em que o nosso Hospital atingiu a sua grande aura e merecida fama.

Entrando no assunto próprio da sua palestra, tratou em primeiro lugar dos *serviços cirúrgicos e médicos das enfermarias*, referente-mente aos anos de 1938 a 1942, estatística que agora se completa juntando-lhe o ano de 1943:

No ano de 1938, fizeram-se 124 operações					
» » » 1939,	»	130	»		
» » » 1940,	»	128	»		
» » » 1941,	»	158	»		
» » » 1942,	»	170	»		
» » » 1943,	»	207	»		

Estas notas provam à evidência o desenvolvimento dos serviços e demonstram os benefícios que por êles têm sido espalhados, só na actividade cirúrgica.

No intuito de tornar conhecida a eficiência dos serviços, o Sr. Dr. Tôrres disse que essas operações consistiram em: — «Gastro-enterostomias por úlceras gástricas; Gastro-enterostomias com recepção parcial do estômago por perfuração de úlceras-gástricas; Apendicites; Hérnias estranguladas; Hérnias simples; umbelicais, inguinais e crurais, congénitas e adquiridas; Tumores do útero-cesarianas; Tumores do seio; Flibites supuradas; Fracturas expostas; Redução de luxações expostas; Suturas tendinosas; Suturas nervosas; Traumatismos craneanos; Trepanações; Resecção de parte de intestinos por gangrena; Operações plásticas do períneo; Varicocelos; Hidrocelos; Fleimões-abcessos; Partos-forcep, versões e fectotomias».

Na especialidade de olhos, houve pelo menos cêrca de 1489 consultas até 31 de Dezembro de 1943, e até à mesma data pelo menos umas 20 operações de catarata e algumas de ablação do globo ocular.

Houve numerosas consultas de doenças nervosas e numerosas têm sido as operações na especialidade de doenças do nariz, garganta e ouvidos, amigdalectomia, ablação de adenóides, extracção de cornetos.

O Sr. Dr. Tôrres ilucidou: que cêrca de 30 por cento dos doentes operados pagaram as despesas do Hospital (o que não é o mesmo que dizer que pagaram os serviços médicos, pois só 10 por cento o teriam feito), e acrescentou que só assim é possível ao Hospital manter êste aperfeiçoado serviço cirúrgico.

Disse ainda que a mortalidade tem sido em percentagem mínima, bastante abaixo do que rezam estatísticas de outros serviços cirúrgicos, razão porque são numerosos os doentes que desejam ser operados. E que tem sido tal a afluência dêstes doentes, que tem havido necessidade de organizar sessões cirúrgicas semanais, de cinco a seis e sete doentes.

Como comentário, o Sr. Dr. Tôrres formulou as seguintes perguntas:

— O que representa isto em benefício para o nosso meio?

— Quanta comodidade para o operado e suas famílias?

Quem relata acrescenta que os serviços do Hospital de Barcelos, na especialidade cirúrgica, representam um grande benefício para todos que habitam êste concelho: pobres, remediados e ricos. Para os que não têm recursos, a prestação dos serviços tem sido inteiramente gratuita.

S. Ex.^a referiu depois a montagem, pelo seu distinto colega, Dr. Aires Duarte, do pôsto de transfusões de sangue, utilizando um grande grupo de dadores prèviamente estudados, a ponto de se terem já feito mais de 50 transfusões com dadores de Barcelos e umas seis com dadores vindos do Pôrto, estas antes de se ter organizado o grupo dos benemèritos dadores de Barcelos.

Referiu-se depois o Sr. Dr. Tôrres aos serviços de medicina e do « banco », a cargo dos distintos clínicos Ex.^{mos} Srs. Dr. Adélio Carvalho Marinho da Silva e Dr. Manuel Leite Novais, e ilustrou a sua interessantíssima palestra com os elementos estatísticos que se-guem, acrescentados com o movimento de 1943:

Estatística do « banco »: movimento do Hospital

ANOS	CURATIVOS	INJECCÕES	OPERAÇÕES	CONSULTAS	DOENTES	
					Entrados	Falecidos
1938	10.977	3.343	151	2.814	477	33
1939	9.212	3.900	80	1.209	403	28
1940	7.993	2.794	64	1.875	481	23
1941	9.671	3.837	125	2.504	494	22
1942	11.179	3.214	124	2.018	588	29
1943	11.788	3.106	97	1.913	656	31

Receitas e despesas

Organizou-se o seguinte mapa demonstrativo das receitas e des-pesas que a Santa Casa da Misericórdia arrecadou e suportou nos últimos seis anos, devendo dizer-se que os encargos da Administração no corrente ano de 1944, devem ultrapassar, em muito, os de 1943, porque só em medicamentos, aparelhagem cirúrgica e despesas de alimentação, os gastos têm sido elevadíssimos.

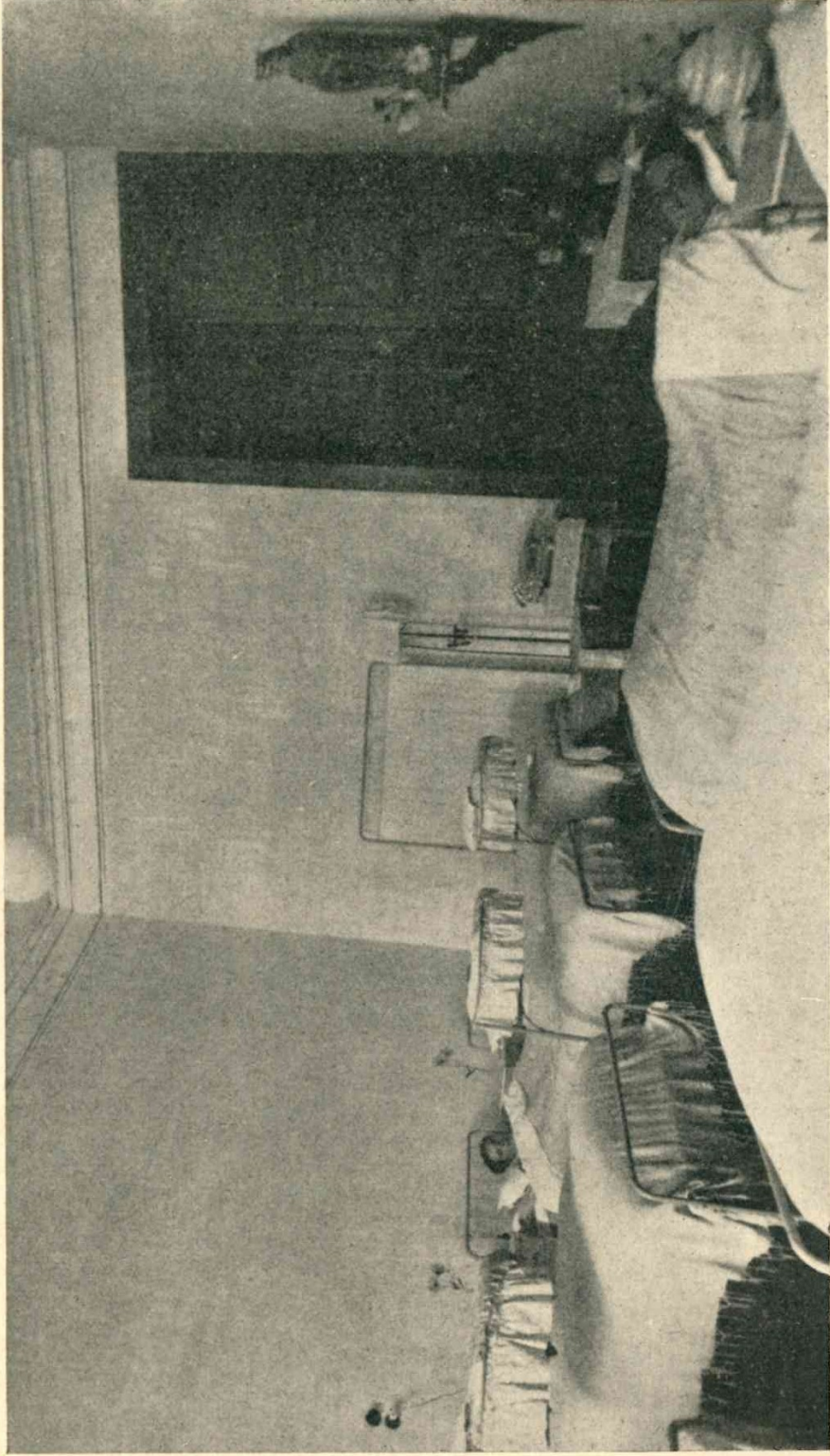
RECEITAS ARRECADADAS nos anos de 1938 a 1943, pela Santa Casa da Misericórdia

Títulos das Contas	1938	1939	1940	1941	1942	1943
Juros de títulos, capitais mutuados e depositados e de fóros	65.285\$62	66.208\$30	68.813\$71	64.574\$38	66.484\$46	70.252\$77
Rendimento de serviços hospitalares	27.756\$90	29.732\$00	29.508\$00	53.207\$30	64.207\$25	77.017\$80
Esmolas e donativos	14.536\$00	2.284\$40	448\$00	17.155\$10	3.833\$70	4.281\$30
Subsídio da Câmara Municipal	22.000\$00	16.500\$00	9.000\$00	18.000\$00	18.000\$00	18.506\$25
Subsídio do Estado	16.930\$01	13.000\$00	15.000\$00	11.575\$00	18.500\$00	30.000\$00
Rendimento do Balneário	976\$50	1.179\$50	1.341\$00	858\$50	1.520\$00	519\$00
Dito da Herança Miranda Vilas Boas	745\$73	598\$58	714\$43	823\$58	1.304\$39	1.304\$48
Dito para a Caixa de Aposentações	503\$99	665\$08	722\$93	536\$17	747\$07	748\$98
Outras receitas	6.905\$85	2.926\$20	2.718\$75	3.600\$00	6.840\$00	10.000\$00
Somas as receitas	155.640\$60	133.096\$06	198.266\$82	170.330\$03	181.436\$87	212.630\$58
Reembolsos	27.500\$00					
Saldos anteriores	—\$—	890\$33	885\$23	1.979\$80	25.163\$75	13.800\$20
Saldo da Semana das Ofertas	—\$—	—\$—	—\$—	—\$—	—\$—	143.149\$60
Somas do livro de contas	183.140\$60	133.986\$39	129.152\$05	172.309\$83	206.599\$92	369.580\$38

(1) Além das importâncias mencionadas, recebeu-se mais do Estado: em 1938, Esc. 1.569\$99; em 1939, Esc. 4.500\$00; em 1940, Esc. 2.000\$00; em 1941, Esc. 6.925\$00; e em 1942, Esc. 8.000\$00, quantias estas mencionadas nas contas do Asilo de Inválidos, como subsídio concedido pelo Estado.

DESPESAS EFECTUADAS nos anos de 1938 a 1943, pela Santa Casa da Misericórdia

Títulos das Contas	1938	1939	1940	1941	1942	1943
Ordenados a Médicos, Cartorário, Farmacêutico, enfermeiros e outros	29.400\$00	29.400\$00	28.950\$00	29.400\$00	30.450\$00	32.700\$00
Alimentação dos doentes e pessoal	48.501\$69	48.883\$30	42.442\$18	49.937\$00	57.732\$62	73.224\$30
Medicamentos e material cirúrgico	26.076\$61	23.756\$18	25.169\$00	35.214\$10	65.236\$23	51.891\$95
Obras, reparações, móveis e seguros	4.376\$30	4.617\$59	4.987\$26	7.263\$45	5.423\$65	11.061\$76
Lenha para fogões e louças	1.865\$80	4.632\$90	3.993\$25	4.074\$45	5.930\$55	5.202\$50
Roupas para enfermarias	2.367\$70	4.070\$20	3.176\$40	1.986\$90	8.887\$50	16.915\$50
Secretaria: livros, expediente e telefones e impressos	1.356\$55	2.058\$85	1.216\$90	2.869\$65	1.846\$30	3.977\$40
Cultivo e conservação da Cêrca	1.960\$60	2.254\$10	1.692\$20	1.994\$95	1.961\$90	1.286\$25
Balneário: lenha e encargos	1.395\$00	1.264\$00	1.639\$80	1.453\$10	1.942\$80	1.138\$65
Legados e culto	6.017\$32	4.704\$82	5.928\$60	5.029\$31	5.043\$16	5.823\$68
Luz, aquecimento, lavagem e limpeza	2.498\$70	1.999\$64	2.253\$73	2.387\$70	2.697\$84	5.757\$65
Caixa de Aposentações	503\$99	459\$58	722\$93	536\$17	647\$17	848\$98
Déficit do ano anterior	55.930\$01	—\$—	—\$—	—\$—	—\$—	—\$—
Amortização do empréstimo de 60 contos, para obras	—\$—	5.000\$00	5.000\$00	5.000\$00	5.000\$00	5.001\$00
Subsídio ao Asilo de Inválidos	—\$—	—\$—	—\$—	—\$—	—\$—	3.408\$43
Somas as despesas	182.250\$27	133.101\$16	127.172\$25	147.146\$78	192.799\$72	218.237\$05
Saldo para o ano seguinte	890\$35	885\$23	1.979\$80	25.163\$05	13.800\$20	8.193\$73
Saldo da Semana das Ofertas	—\$—	—\$—	—\$—	—\$—	—\$—	143.149\$60
Somas do livro de contas	183.140\$60	133.986\$39	129.152\$05	172.309\$83	206.599\$92	369.580\$38



Fot. Robim

Hospital de Barcelos — Enfermaria de Maternidade (Partos)

Para concluir

FICA arquivado nesta Memória a história da fundação da Misericórdia de Barcelos, que era quasi desconhecida, e, a traços largos, a demonstração das actividades exercidas pelo Hospital, no campo da Assistência aos doentes, nos últimos seis anos — os que bastam para se fazer uma idéia dos serviços que esta instituição tem prestado aos doentes do concelho.

Não se pretendeu senão demonstrar, com algumas palavras, mas mais com a eloquência dos números, que a Santa Casa da Misericórdia de Barcelos é uma instituição que tem acompanhado os progressos assistenciais na especialidade que exerce, e que os que a têm servido o têm feito com exemplar dedicação e apaixonado zêlo, quer se trate dos serviços da Administração quer se trate da actividade hospitalar.

Aqui não haverá que distinguir.

Também se pretendeu, com esta Memória, prestar uma homenagem aos povos do concelho de Barcelos, que em 7 de Outubro de 1943 acorreram, cheios de boa-vontade e de entusiasmo, a entregar as suas ofertas ao seu Hospital.

Êsse dia marca, na história do Concelho de Barcelos, uma data que não morre, que há-de estar sempre viva na memória dos que assistiram, dos que trabalharam e dos que de algum modo cooperaram nesse grande acto de generosidade da gente barcelense.

Fazem já parte dos Arquivos da Santa Casa as listas de todos que contribuíram para o volume das ofertas, de todos que deram e o que deram, constituindo êsse *dossier* uma das mais belas manifestações da Caridade da nossa boa gente.

É uma afirmação da Caridade, do zêlo e da boa-vontade de todos que manifestaram à Santa Casa o seu apoio moral e material.

Boa gente! Santa gente, a do nosso concelho!

Nós vimos no discurso que o saúdoso Dr. António Ferraz pronunciou a respeito da fundação da nossa Misericórdia, que a esta instituição foi concedido pelos Reis, ter PEDIDORES ou MAMPOSTEIROS em tôdas as freguesias do concelho, o que quer dizer que havia, nesses remotos tempos, em tôdas as freguesias do concelho de Barcelos, quem pedisse esmolas para a sustentação do Hospital!

Há prerrogativas que o tempo não destrói e costumes que se criaram, que a poeira dos anos não apaga!

Quem nos havia de dizer que no ano de 1943 se tinha de restabelecer o hábito de nas freguesias do nosso concelho se ter pedido a uns tantos que pedissem aos seus amigos que dessem esmola ao Hospital da sua terra!

Quem havia de prever que fôsem as pessoas oficialmente mais representativas do povo das freguesias — o Rev.º Pároco, o Presidente da Junta e o Regedor — aquelas sôbre quem recairia o encargo de organizar, em cada freguesia, o peditório para a sustentação do Hospital!

E todos foram de zêlo, de entusiasmo, de interêsse, em pedir para a Santa Casa!

Missão santa aquela de que se incumbiram e de que deram tão boa conta!

Para todos, um agradecimento com as homenagens merecidas.

Ao bom povo do nosso concelho o reconhecimento de todos que receberam as suas dádivas!

*
* *
*

Certamente que todos avaliam a função de Caridade que as Misericórdias desempenham no meio social.

Elas são o manto que agasalha nas horas difíceis da vida aqueles que não possuem meios para se tratarem em caso de doença, o carinhoso refúgio para os que sofrem males físicos, e quantas vezes morais . . .

Proteger estas instituições aonde um pobre doente encontra carinhos, atenções e cuidados especiais, dos médicos e dos enfermeiros, é bem um dever moral e cívico.

Ninguém se esquive à prestação dos seus serviços a benefício destas grandes instituições de Caridade.

A consciência de cada um impõe que os prestem sempre na maior medida.

Há mais de quatro séculos, a Misericórdia de Barcelos está cumprindo a sua missão. E os que administrativamente a têm servido, são crêdores de todo o reconhecimento e de todos os louvores.

. . . Mas vai arrefecendo, como que a escoar-se, o espírito de servir! Êsse espírito de *servir* que tanto floriu nas gentes do passado . . .

É absolutamente necessário que os novos criem em si mesmo o hábito de servir as instituições de Caridade, por que elas constituem grandes pilares do bem social e são, a-par disso, indispensáveis nos aglomerados populacionais.

Tenha cada um em mente êsse dever, honrando os nossos antepassados, que criaram e fizeram progredir tantas e tão úteis organizações, cujos bons frutos estamos a saborear . . .

Reatemos os fios que nos ligam ao passado, que nos prendem às cinzas dos nossos Maiores, e que devem prender-nos às obras por êles deixadas e servidas.

É DEVER fazê-lo!

*

* *

Mais duas palavras, para terminar:

Não se pretendeu fazer literatura. Apenas se quiz contar e narrar factos.

Quiz-se, ao mesmo tempo, demonstrar a eficiência dos serviços do nosso Hospital, chamar para êle a atenção pública e dizer a todos que é mister cuidar do muito que falta ainda fazer-se, para que a Santa Casa da Misericórdia de Barcelos atinja, sem grande demora, o grau de prosperidade e de ampliação de serviços — que o bem público de todos exige.

Todo o corpo clínico e de enfermagem do Hospital merecem agradecimento pelo muito que se dedicam aos serviços hospitalares, e merecem igual reconhecimento todos os distintos médicos que, não pertencendo ao quadro, a dentro daquelas portas trabalham para minorar sofrimentos e prestar os seus serviços tão dedicados quanto desinteressados — a todos que lá vão.

. . . E vamos continuar, Barcelenses, a nossa obra de auxílio ao Hospital da nossa terra! É um DEVER!

A consciência de cada um impõe que os prestam sempre na maior medida... Há mais de quinze séculos a Misericórdia de Barcelos está cumprindo sua missão... Mas val a pena lembrar, como que nos enunciamos o espírito de servir... É absolutamente necessário que os diversos centros em si mesmo... o hábito de servir as instituições de Caridade por estas instituições... grandes pilares do bem social e são, a par disso, indispensáveis nos grandes aglomerados populacionais... Tanto cada um em mente deve haver, pensando os nossos semelhantes... passadas que estas instituições existem para servir e não para... cujos bons frutos estamos a colher... Responderão, pois, que negligenciam os passados que nos precedem... às cinzas das nossas Misericórdias que devem permanecer as obras por... elas deixadas e servidas... É DEVER fazê-lo, em primeiro lugar, ao nível do... Mas duas palavras para lembrar... Não se pretendeu fazer isto... para fazer... Que se, ao mesmo tempo, demonstrar a eficiência dos serviços do nosso Hospital, chamar para ele a atenção pública e dizer a todos que é mister cuidar do muito que falta ainda fazer-se, para que a Santa Casa da Misericórdia de Barcelos atinja, sem grande demora, o grau de prosperidade e de ampliação de serviços — que o bem público de todos exige... Todo o corpo clínico e de enfermagem do Hospital merecem agradecimentos pelo muito que se dedicam aos serviços hospitalares e merecem igual reconhecimento todos os distintos médicos que, não só trabalhando no Hospital, e dentro daqueles pontos, trabalham para melhorar os serviços e prestar os seus serviços tão dedicados quanto desinteressados — a todos que lá vão, em busca de alívio e de cura... É muito bom lembrar, também, a nossa obra de auxílio ao Hospital da nossa terra: É um DEVER... e a nossa tarefa é sempre a mesma... e a nossa tarefa é sempre a mesma...

biblioteca
municipal
barcelos



65237

Memória